



2017

O PRIMEIRO ANÚNCIO
E OS POVOS INDÍGENAS
DA AMÉRICA

...e ficaram

conosco

DIA

MISSIONÁRIO

SALESIANO



SETOR DAS MISSÕES SALESIANAS

WWW.SDB.ORG



... e ficaram conosco

Jesus Cristo é o modelo de missionário por excelência. Mediante a encarnação, ele assumiu a natureza humana, inseriu-se numa cultura, aprendeu uma língua, viveu os valores do seu povo. Pôs a sua tenda entre nós (cf. Jo 1,14). Ele não esteve de passagem, mas amou-nos até o fim (cf. Jo 13,1). Toda a sua existência é missionária: da encarnação à entrega definitiva na cruz.

A vocação missionária acompanha o modelo do Senhor. Particularmente neste ano, queremos evidenciar a presença dos Salesianos de Dom Bosco entre os povos indígenas da América. Uma presença que procurou conhecer, valorizar e, em alguns casos, salvar a sua cultura e identidade. Certamente, uma generosa ação missionária, não isenta em seus inícios das limitações próprias da época, que será enriquecida pelas ciências antropológicas e a teologia do Vaticano II. Uma presença entre os povos Mapuche, Figueño, Guaraní, Bororo, Xavante, Shuar, Ianomâmi, Mixes, Chianteco, Aymara, Quechua, Qeqchi e muitos outros. Com eles, compartilhamos o anúncio da Boa-Nova de Jesus e suas consequências de plena humanização mediante a educação, a formação técnica, a promoção agrícola, a reflexão universitária sobre a identidade indígena. Na missão salesiana brotam frutos de cultura e santidade, como nos testemunha o Beato Zeferino Namuncurá.

A presença missionária não é uma visita turística ou cultural, mas como a do Senhor, que veio para “ficar conosco”. É uma permanência que dá vida, como a de centenas de missionários que consumiram sua vida no serviço aos seus irmãos indígenas e, para alguns, selando sua entrega com o martírio. Que estes Dias Missionários ajudem a Família Salesiana a terem Cristo mais presente na cultura indígena e nas riquezas originárias da América evidentes na Igreja Universal.

Explicação do pôster da JMS 2017	3
Carta do Reitor-Mor	4
Carta do Conselheiro para as Missões	5
Onde houve Pecado, Soperabundou a Graça!	6
Dia Missionário Salesiano: Uma tradição que continua	8
Tema Geral para este sexênio: O Primeiro Anúncio	10
Os Povos Indígenas da América	13
A 'Guadalupana' e a Evanfelização	14
Dom Bosco e as Missões Indígenas da América Latina	16
Do Primeiro Anúncio à Igreja local	20
<i>O Primeiro Anúncio na Prelazia Mixepolitana de Maria Auxiliadora</i>	21
<i>Chaco Paraguaio: Terra do Primeiro Anúncio!</i>	22
Os Salesianos e os Indígenas na América Latina	24
<i>Os Salesianos e os Povos Indígenas Andinos do Equador</i>	25
<i>Os Salesianos e os Povos Aymará e Quéchua na Bolívia</i>	26
<i>A Presença Salesiana nos Andes Peruanos</i>	28
<i>Índio e Salesiano</i>	29
<i>Irmãos da Ressurreição</i>	30
<i>Os Salesianos e a Preservação das Culturas dos Povos Indígenas</i>	31
Os Santos Indígenas	34
<i>São Juan Diego Cuauhtlatoatzin</i>	34
<i>Santa Kateri Tekakwitha</i>	35
<i>Os 3 Mártires de Tlaxcala</i>	35
<i>Beato Zeferino Namuncurá</i>	36
Missionários Salesianos de Ontem e de Hoje	38
<i>Meu Nome é Yankuam'</i>	40
<i>Entre os Povos Indígenas descubro cada vez mais o chamado que Deus me fez</i>	41
<i>Feliz de ser missionário na terra dos sonhos de Dom Bosco!</i>	42
Promover o Primeiro Anúncio	43
Subsídios Didáticos	44
O Projeto de JMS	46
Coplas del Yaraví	47

EXPLICAÇÃO DO PÔSTER DA JMS 2017

A foto de um jovem Ianomâmi, que preenche grande parte do pôster, transmite claramente o tema do Dia Missionário Salesiano 2017: Os Povos Indígenas da América. Dom Bosco enviou os Salesianos à Patagônia e, desde então, eles permaneceram até hoje com muitas outras populações indígenas para promover o primeiro anúncio e o surgimento e crescimento da Igreja local no espírito de Dom Bosco apresentado no fundo das fotos de outros povos indígenas, uma procissão com o bispo e os olhos de Dom Bosco. Entre outras há também a foto de uma família indígena que relaciona o DMS com a Estreia do Reitor-Mor: SOMOS FAMILIA! *Cada Casa, uma Escola de Vida e de Amor*".

O DMS 2017 não é apenas uma ocasião para recordar e narrar uma história gloriosa mas é um convite premente e uma recordação aos Salesianos que ainda possuem uma grande história a construir com os povos indígenas juntamente com toda a Família Salesiana da América!

CARTA do Reitor-Mor

11 de novembro de 2016

Enche-me de satisfação e gratidão saber que neste ano o nosso visual missionário se dirige à América amada e sonhada pelo nosso pai Dom Bosco. Bem sabeis que a América é a terra à qual tive a graça de ser chamado a servir e animar por alguns anos.

Quando na conclusão do Ano Bicentenário do nascimento de Dom Bosco disse aos meus Irmãos Salesianos que sonhava com uma Congregação Salesiana sempre mais missionária, quis dizer também que precisamos voltar às nossas raízes. O Dia Missionário Salesiano oferece-nos esta preciosa oportunidade.

Desejo que o tema escolhido para o Dia Missionário Salesiano deste ano também possa caminhar junto com a Estreia. Ou seja, que percebamos, em primeiro lugar, que os primeiros missionários que chegaram à América souberam criar o espírito de família e a atmosfera de um lar em cada um dos povos e nas culturas que encontraram. Amaram entranhadamente a todos os grupos indígenas aos quais foram enviados. Respeitaram-nos e fizeram próprias as suas aflições e as suas alegrias, as suas frustrações e os seus sonhos. Defenderam-nos até dar a vida por eles.

Seu exemplo continua a ser um desafio missionário de primeira linha para nós, um chamado de Dom Bosco a continuar muito presentes em cada uma das últimas periferias onde nos esperam os jovens mais pobres e abandonados.

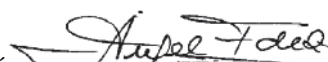
Desejo e espero que este DMS possa:

- promover e consolidar em nossas presenças salesianas da América e no mundo todo a defesa e a promoção das **minorias étnicas**. Não pode escapar-nos o motivo deste desejo. Nas minorias étnicas estão os nossos amados jovens. Nossa presença entre eles e com eles não pode ser simplesmente genérica, mas comportar toda a riqueza do nosso carisma juvenil e popular;



- fortalecer a nossa capacidade de ser **profetas de fraternidade** e construtores de uma **humanidade reconciliada e em paz**, de modo especial nos contextos mais pluriculturais e plurirreligiosos em que nos encontramos. É aí que os nossos jovens são mais tentados pela violência e a divisão;

- apaixonar-nos ainda mais e, por contágio, apaixonar toda a Família Salesiana no zelo pela **evangelização dos jovens e dos povos**, mediante o primeiro anúncio de Jesus. Nossa família nasceu missionária, e não pode deixar de o ser! ■



P. Ángel Fernández Artime SDB
Reitor-Mor

CARTA do Conselheiro para as Missões

Com o Dia Missionário Salesiano de 2017 (DMS 2017), dirigimos o nosso olhar e a nossa atenção missionária para a América. Como se estivéssemos subindo pela primeira vez ao navio que em 22 de novembro de 1875 levou os nossos primeiros missionários para a América do Sul.

Em anos passados, a América já foi tema do DMS. Neste, em particular, descobrimos uma excelente oportunidade para:

- fazer **memória histórica missionária**, cheia de gratidão. Toda Inspeção Salesiana do mundo tem uma belíssima história missionária dos seus inícios, dos seus pioneiros. Mesmo aquelas de fundação mais recente, como as presenças fruto do Projeto África. É urgente, então, que nossas jovens gerações de Salesianos possam estudar com profundidade e atenção as figuras dos missionários pioneiros da própria Inspeção, como também a diversidade de metodologias de evangelização assumidas nos diversos contextos.
- promover o **voluntariado missionário juvenil**, em especial o que se dirige às comunidades indígenas do Continente Americano. Isto deveria suscitar o interesse de jovens missionários leigos dos nossos ambientes, não só em nível das Regiões Americanas (Cone Sul e Intera-mérica) como também de outras Regiões e Continentes. Com este DMS propomo-nos motivar e ativar um voluntariado missionário juvenil ainda mais rico e articulado, tanto no interior das Inspeções quanto das nações.
- rezar pelas **vocações missionárias ‘ad gentes’**. Muitas populações indígenas não se teriam salvado, não existiriam concretamente hoje se não tivessem existido jovens Salesianos dispostos a dar suas vidas até o último respiro pela missão, como Dom Bosco. É o que agradecemos ao Espírito Santo: a vocação de cada missionário “ad gentes, ad exteros, ad vitam”. E é o que queremos pedir individualmente e em cada uma de nossas comunidades neste ano: que mande mais operários à Sua messe. ■


P. Guillermo Basañes SDB
Conselheiro para as Missões



Onde houve Pecado, superabundou a Graça!



ram oposição à lógica da espada com a força da Cruz. Houve pecado, e pecado abundante, mas não pedimos perdão no passado. Por isso agora pedimos perdão, e peço perdão; mas também lá, onde houve pecado, onde abundou o pecado, superabundou a graça através destes homens que defenderam a justiça dos povos originários.

Peço-vos também a todos, crentes e não crentes, que se recordem de tantos bispos, sacerdotes e leigos que pregaram e

Digamos pois NÃO às velhas e novas formas de colonialismo. Digamos SIM ao encontro entre povos e culturas. Bem-aventurados os que trabalham pela paz!

E aqui quero deter-me num tema importante. É que alguém poderá, com direito, dizer: «Quando o Papa fala de colonialismo, esquece-se de certas ações da Igreja». Com pesar, vo-lo digo: cometeram-se muitos e graves pecados contra os povos nativos da América, em nome de Deus. Reconheceram-no os meus antecessores, afirmou-o o CELAM, e quero reafirmá-lo eu também. ... Como fez São João Paulo II: **Peço humildemente perdão, não só pelas ofensas da própria Igreja mas também pelos crimes contra os povos nativos durante a chamada conquista da América.** E junto com este pedido de perdão e para ser justos, também quero que lembremos a milhares de sacerdotes, bispos, que fize-

pregam a boa nova de Jesus com coragem e mansidão, respeito e em paz – falei dos bispos, sacerdotes e leigos, mas não quero esquecer-me das freirinhas que caminham anonimamente nos vossos bairros pobres levando uma mensagem de paz e de bem –; que, na sua passagem por esta vida, deixaram impressionantes obras de promoção humana e de amor, pondo-se muitas vezes ao lado dos povos indígenas ou acompanhando os próprios movimentos populares mesmo até ao martírio. A Igreja, os seus filhos e filhas, fazem parte da identidade dos povos na América Latina. [...]

Aos irmãos e irmãs do movimento indígena latino-americano, deixem-me expressar a minha mais profunda estima e felicitá-los por procurarem a conjugação dos seus povos e culturas segundo uma forma de convivência, a que eu gosto de chamar poliédrica, onde as partes conservam a sua



identidade construindo, juntas, uma pluralidade que não atenta contra a unidade, mas fortalece-a. A sua procura desta interculturalidade que conjuga a reafirmação dos direitos dos povos nativos com o res-

peito à integridade territorial dos Estados enriquece-nos e fortalece-nos a todos. ■

Papa Francisco

Discurso aos movimentos populares,
Santa Cruz de la Sierra (Bolívia)
9 de julho de 2015

Os Povos Indígenas

“Se a Igreja na América, fiel ao Evangelho de Cristo, pensa percorrer o caminho da solidariedade, deve dedicar uma especial atenção àquelas comunidades étnicas que são, ainda hoje, objeto de injustas discriminações. De fato, é preciso extirpar toda tentativa de marginalização das populações indígenas. O que supõe, em primeiro lugar, que se devem respeitar seus territórios e os pactos com elas estabelecidos; da mesma forma, há que responder às suas legítimas necessidades sociais, sanitárias e culturais. Como é possível esquecer a exigência de reconciliação entre os povos indígenas e as sociedades onde vivem? ... Tendo em vista que toda pessoa, de qualquer raça e condição, foi criada por Deus à sua imagem, sejam promovidos planos concretos, em que não deve faltar a oração comunitária, que favoreçam a compreensão e a reconciliação entre povos distintos, constituindo pontes de amor cristão, de paz e de justiça entre todos os homens.

Para alcançar estes objetivos é indispensável formar agentes pastorais competentes, capazes de fazer uso de métodos já legitimamente « inculturados » na catequese e na liturgia, evitando sincretismos que se apoiem numa exposição parcial da genuína doutrina cristã. Igualmente obter-se-á mais facilmente um número adequado de Pastores que desempenhem a própria atividade entre os indígenas, se houver a preocupação de promover vocações para o sacerdócio e para a vida consagrada entre estes povos.”

São João Paulo II
Ecclesia in America, n. 64

Dia Missionário Salesiano

Uma tradição que continua

Qual o significado?

Desde 1926 se celebra na Igreja Universal o Domingo Missionário Mundial. A partir de 1988 é proposto um tema missionário para toda a Congregação Salesiana. Todas as comunidades salesianas têm oportunidade de conhecer uma realidade missionária específica. É um momento forte para a Animação Missionária nas Comunidades Salesianas inspetoriais ou locais, nos grupos juvenis e na Família Salesiana. Trata-se de uma oportunidade para envolver a comunidade SDB e as comunidades educativo-pastorais (CEP) nas dinâmicas da Igreja Universal, **reforçando a cultura missionária.**

Para quê?

Para dar um impulso à Animação Missionária, oferecendo uma proposta que se torne um projeto anual concreto; para ajudar a Família Salesiana a conhecer o empenho missionário da Congregação, a abrir os olhos às nossas realidades missionárias, a superar toda tentação ao fechamento dentro do próprio território ou contexto e a recordar-se da vivência universal do carisma salesiano. *“As atividades de formação sejam sempre orientadas para os seus fins específicos: informar e formar o Povo de Deus para a missão universal da Igreja, fazer nascer vocações ad gentes, suscitar cooperação para a evangelização.”* (João Paulo II, Redemptoris Missio, 83).

Quando?

Não existe uma data fixa para o DMS em âmbito mundial. Cada Inspetoria escolhe uma data ou período mais adaptado ao próprio ritmo e calendário. Algumas datas tradicionais nas Inspetorias (próximas à festa de Dom Bosco, em janeiro, ou ao aniversário de Dom

Bosco em agosto, quaresma, festa dos Santos Mártires Missionários Luís Versiglia e Calisto Caravario – 25 de fevereiro; mês de maio; mês missionário de outubro, ou então 11 de novembro). Antes de tudo, é importante oferecer um itinerário educativo-pastoral de algumas semanas – do qual o Dia Missionário Salesiano se constitui no ponto culminante. O DMS é a expressão de um espírito missionário de toda a Comunidade Educativo-Pastoral, mantido vivo durante todo o ano mediante diversas iniciativas.

Come é animado?

A partir de uma reunião dos Diretores, no qual o Delegado para a Animação Missionária explica o objetivo e distribui os instrumentos disponíveis para o DMS na Inspetoria (página web inspetorial ou então um link ao www.sdb.org – DMS). Assim todas as comunidades SDB se tornam as primeiras destinatárias das dinâmicas do DMS. Todos os anos se oferece um apoio concreto à missão, concentrando a atenção num aspecto real da cultura missionária e rezando pelos missionários apresentados no DMS.

Quem celebra?

O primeiro destinatário é a comunidade salesiana SDB. Depois, conforme as Inspetorias, há vários modos de organizar, de acordo com os ambientes da missão salesiana (escolas, centros de formação profissional, paróquias, grupos juvenis, especialmente grupos ou voluntariado missionário) e da Família Salesiana (Salesianos Cooperadores, Ex-Alunos, Grupos da ADMA), abertos a todo o movimento salesiano e aos amigos de Dom Bosco.

Com que meios?

Já no ano pastoral anterior são oferecidos a todas as comunidades salesianas: um manifesto, um subsídio impresso, um DVD com filmes sobre o tema, um DVD com o material didático e audiovisual em várias línguas. Para o material impresso basta dirigir-se ao Dicastério para as Missões, Roma (cagliero11@gmail.com), os DVDs são produzidos pela MDB, Turim, e estão disponíveis também no Youtube (<http://www.missionidonbosco.tv>).

A importância da oração pelas missões

Todos os membros da CEP contribuem para a ação missionária da Congregação e da Igreja com a oração, acompanhada pelos sacrifícios em favor dos missionários salesianos e pelas vocações missionárias. Todos os meses, o dia 11 é uma ocasião para rezar conforme a Intenção Missionária Salesiana. Todos os anos com o tema do DMS é proposta uma oração específica. A ação missionária brota e é sustentada pelo encontro com Deus.

O Projeto para o DMS

Todos os anos é proposto um projeto para toda a Congregação. Esta é uma parte importante da dinâmica do DMS. A finalidade primária do projeto do DMS não é apenas coletar fundos. Antes, quer ser uma experiência educativa à solidariedade concreta para os jovens. O DIAM – Delegado Inspetorial para a Animação Missionária – promove a solidariedade através de várias iniciativas, especialmente durante os tempos litúrgicos fortes do Advento e da Quaresma, e durante o mês de outubro, ou como parte das celebrações do DMS.

Avaliação

A avaliação, depois do DMS, é tão importante quanto a sua preparação e celebração. É preciso não só verificar se de fato o DMS favoreceu, mediante o tema proposto, uma cultura missionária na comunidade local ou inspetorial mas também anotar as sugestões pelas quais melhorar os DMS futuros. ■

DMS Uma tradição que continua (1988 – 2017)

Ano	Tema
1988	Guiné – Conakri: O sonho continua
1989	Zâmbia: Projeto Lufubu
1990	Timor-Leste – Venilale: Jovens evangelizadores
1991	Paraguai: Meninos de rua
1992	Peru – Vale Sagrado Incas: Cristo vive nas sendas dos Incas
1993	Togo – Kara: Dom Bosco e a África – um sonho que se torna realidade
1994	Camboja – Phnom Penh: Missionários construtores de paz
1995	Índia – Gujarat: Em diálogo para compartilhar a fé
1996	Rússia – Yakutsk: Luzes de esperança na Sibéria
1997	Madagascar: Moço, eu te digo: Levanta-te
1998	Brasil: Ianomâmis: Vida nova em Cristo
1999	Japão: O difícil anúncio de Cristo no Japão
2000	Angola: Evangelho, semente de reconciliação
2001	Papua-Nova Guiné: Caminhando com os jovens
2002	Missionários entre os jovens refugiados
2003	O empenho pela promoção humana nas missões
2004	Índia – Arunachal Pradesh: O despertar de um Povo
2005	Mongólia: Uma nova fronteira missionária
2006	Sudão: A missão salesiana no Sudão
2007	Sudão: A missão salesiana no Sudão
2008	Educar para a vida – HIV/AIDS: a resposta salesiana
2009	Animação missionária – Mantém viva a tua chama missionária
2010	Europa: Os salesianos de Dom Bosco caminham com os Rom – Sinti
2011	América: Voluntários para proclamar o Evangelho
2012	Ásia: Contar a história de Jesus
2013	África: O Caminho da fé na África
2014	Europa: Os outros somos nós – Atenção salesiana aos migrantes
2015	Envia-me, Senhor! Vocação salesiana missionária
2016	Vinde ajudar-nos! O Primeiro Anúncio e as Novas Fronteiras na Oceânia
2017	... e ficaram conosco: O Primeiro Anúncio e os Povos Indígenas da América



Tema Geral para este sexênio: O Primeiro Anúncio

O tema geral do Dia Missionário Salesiano (DMS) para os anos de 2015-2020 é 'O Primeiro Anúncio'. O termo se refere ao **testemunho de vida** de cada cristão e de toda a comunidade cristã; a **cada atividade ou conjunto de atividades**; ou a um **breve e alegre anúncio de Jesus** – tudo isto para suscitar interesse pela sua Pessoa, salvaguardando a liberdade de consciência, que, em última análise, leva a uma adesão inicial a Ele ou à revitalização da fé n'Ele.

É eficientemente promovido se seguir uma pedagogia gradual que esteja atenta ao contexto histórico-social e cultural do interlocutor. Com esta compreensão de primeiro anúncio, o ambiente no qual se encontra o interlocutor tem menor importância, seja este a escola, a universidade, o centro profissional, o oratório, o campo, a cidade, no seu país ou longe da própria pátria; esteja ou não envolvido na primei-



ra evangelização, no apostolado educativo, na atividade paroquial ou na promoção e desenvolvimento humano. O mais importante é viver a própria vida como cristão e como religioso "permanentemente em estado de missão", de tal modo que cada pessoa e cada comunidade torna-se um centro de irradiação da vida cristã.

O primeiro anúncio, por sua natureza, é dirigido primeiramente

1. não somente àqueles que não conhecem Jesus Cristo (aos não cristãos) mas também aos
2. cristãos que receberam de modo insuficiente o primeiro anúncio do Evangelho. Portanto,
 - a) depois de ter conhecido Jesus Cristo, eles o abandonaram;
 - b) vivem a sua fé como algo cultural, sem prática cristã na comunidade, ou sem receber os sacramentos, ou deixar-se envolver pela vida e pelas atividades da Paróquia;



- c) pensando conhecer suficientemente Jesus, eles vivem a própria fé como rotina ou algo simplesmente cultural;
 - d) têm uma identidade cristã frágil e vulnerável;
 - e) ou não praticam mais a própria fé.
- O primeiro anúncio é igualmente dirigido
3. àqueles que buscam Alguém ou algo que percebem, mas que não conseguem dizer o que seja, ou
 4. àqueles que vivem a sua vida cotidiana sem sentido.

Em contextos onde os cristãos receberam um primeiro anúncio pobre: o que a pessoa recebeu na família através de seus pais, muitas vezes, não é suficiente para tornar-se a base de uma fé robusta. Sem esta conversão inicial e a fé pessoal inicial, a própria fé corre o risco de permanecer frágil. Nesta perspectiva, o primeiro anúncio é considerado como o primeiro passo necessário rumo a uma nova evangelização.

Este ‘primeiro anúncio aos cristãos que o receberam de modo inadequado’ poderia ser chamado de *segundo primeiro anúncio* ou simplesmente “segundo anúncio”. Este segundo anúncio tem por objetivo suscitar um interesse que desperta o “adormecido” fascínio inicial pela pessoa de Jesus Cristo, em cristãos frouxos ou negligentes, que vivem a própria fé por costume ou como algo simplesmente cultural. Muitas vezes, o Evangelho não atrai mais porque é considerado algo normal, algo já conhecido e óbvio. Em alguns casos a imagem de Igreja, de Catolicismo ou de Cristianismo é ofuscada por preconceitos, experiências negativas e medos. Portanto, o proces-

so é conduzido a um segundo anúncio. O ponto de partida é a experiência de fé da pessoa. Torna-se um segundo e livre convite a redescobrir a Pessoa de Jesus Cristo e o seu Evangelho. Este segundo anúncio desafia também cada cristão e toda a comunidade cristã a ouvir pela segunda vez a Palavra de Deus com o objetivo de promover “um encontro com Cristo, Palavra viva de Deus” e a ser seu reflexo para os outros. Obviamente, o... segundo anúncio tem profundas consequências na catequese.

O primeiro anúncio é a chave na qual se baseiam as estratégias para acompanhar os jovens a conhecer e a encontrar-se com Cristo; promover a nossa presença missionária no mundo digital e entre os imigrantes e refugiados; redescobrir o Sistema Preventivo como proposta de evangelização; e sublinhar o vínculo inseparável entre educação e evangelização. ■

(‘Dias de Estudo sobre O Primeiro Anúncio na Cidade’, Roma, 2015)



Os Povos Indígenas

Os Povos Indígenas da América do Norte

Há muitos e mui diferentes grupos culturais e étnicos que compõem os habitantes originais do que são agora o Canadá e os Estados Unidos. Os Inuit e os Metis são originários do Canadá, enquanto os Huron, os Algonquin e os Iroqueses vivem no que hoje é o Canadá e os Estados Unidos. Estes grupos eram, em geral, nômades; reuniam-se em pequenos grupos e viviam da caça e da coleta. Apesar dos primeiros encontros com os europeus terem sido desastrosos, as relações entre colonos e nativos variavam. Os franceses fizeram amizade com muitos grupos e comercializaram com os nativos.

Os iroqueses, porém, tornaram-se opositores tenazes dos franceses e as guerras entre os dois grupos eram implacáveis. Os nativos do que agora são os Estados Unidos foram um grande grupo de diversas tribos nômades. Os mais populosos eram os Navajo, Cherokee, Sioux, Chippewa e Apache. A tecnologia destes grupos não era tão avançada como a das civilizações da América do Sul. Quando os colonos europeus começaram a expandir-se nos territórios dos nativos, iniciou a violência. Depois da criação dos Estados Unidos, os povos indígenas ficaram à mercê de um governo e de um povo que via as terras americanas como suas. As tribos nativas americanas foram sempre mais empurradas terra adentro. Em meados e no final do século dezanove a política de levar os nativos americanos para reservas resultou direta ou indiretamente na morte de muitos milhares deles.



Os Povos Indígenas na América Latina

Existem atualmente na América Latina 522 povos indígenas que vão desde a Patagônia, a Ilha de Páscoa e a Patagônia até a Oasiamérica no norte do México, passando por várias áreas geográficas como Chaco Ampliado, Amazônia, Orinoquia, Andes, Planície Costeira do Pacífico, Caribe Continental, Baixa América Central e América Central.

nas da América

Por países, o Brasil é o que tem a maior diversidade de povos indígenas com 241, que representam uma população de 734.127 pessoas. A Colômbia, com 83 (1.392.623 habitantes) é o segundo país com maior quantidade de povos, seguida pelo México com 67 (9.504.184 pessoas) e o Peru, com 43 povos diversos que representam 3.919.214 de habitantes sobre o total da população peruana.

No outro extremo estão El Salvador, que conta com 3 povos indígenas (13.310 pessoas), Belize com 4 (36.562 habitantes) e Suriname com 5 (6.601 pessoas). No caso do Caribe insular, como Antígua e Barbuda, Trinidad e Tobago, Dominica e Santa Lúcia, há poucos dados sobre a sobrevivência de povos nativos, mas, em âmbito local, existem reivindicações de identidade indígena.

Por outro lado, Bolívia, Guatemala e Belize destacam-se por serem os países nos quais os indígenas representam percentuais mais elevados sobre a população total, com 66,2%, 39,9% e 16,6% respectivamente. Diversamente, países como El Salvador, Brasil, Argentina, Costa Rica, Paraguai e Venezuela registram baixo percentual de população indígena (entre 0,2% e 2,3%). Não obstante, na maioria dos países latino-americanos a população indígena varia de 3% a 10% do total dos cidadãos.

México, Bolívia, Guatemala, Peru e Colômbia somam 87% dos indígenas da América

Latina e o Caribe, com uma população situada entre o máximo de 9.500.000 (México) e um mínimo de 1.300.000 habitantes (Colômbia). Os restantes 13% da população indígena reside em outros 20 Estados.

Destacam-se 5 povos com vários milhões de pessoas como os Quéchuas, Nahuas, Aymaras, Maias iucatecos e Ki'che', e outros 6, Mapuches, Maias q'eqchí, Kaqchikels, Mams, Mixtecos e Otomis, com populações entre meio milhão e um milhão de habitantes.

Segundo os recenseamentos oficiais feitos entre 2000 e 2008, o total da população indígena identificada na América Latina é de 28, com 858.580 pessoas, enquanto na América Latina vivem 479.824.248 pessoas. Isso supõe um percentual de população indígena identificada de 6,01%. ■



Dizeres em espanhol



A 'Guadalupana' e a Evangelização dos povos indígenas da América

P. Salvador Cleofás Murguía SDB

Assim como a encarnação não aconteceu sem Maria, a evangelização não existiu nem existirá sem levar Maria em consideração. O processo de evangelização e inculturação do Evangelho na América Latina começou e continua com a presença materna de Maria. Com os missionários, a Igreja crê que este processo foi “um parto doloroso e prolongado, feito de cruz e espada, onde o rosto materno de Deus tocou o coração de todo o povo, nascido da mestiçagem das culturas, do sangue e das cores da pele”.

A Senhora está “impressa” na tela com o rosto moreno, tranquilo e sereno. E, como a conquista do povo foi uma guerra mortal, Ela se apresenta como uma mulher grávida, ou seja, trazendo consigo a vida e o futuro: o Filho de Deus. E, escolhendo como mediador um pobre índio, Juan Diego, toca o coração do povo com uma linguagem terna e materna: “Meu filhinho, não tenhas medo. Eu sou a Mãe do verdadeiro Deus que tudo criou. Eu sou a tua Mãe, não és órfão nem estás abandonado”. E foi assim que o povo, não só o indígena, se enamorou de Maria e do fruto do seu ventre. E foi assim que a fé cristã teve o seu primeiro grande anúncio na pessoa e na mensagem de Maria.

São João Paulo II declarou explicitamente: “A América, que historicamente foi e é um cri-

sol de povos, reconheceu no rosto mestiço da Virgem de Tepeyac (...) um grande exemplo de evangelização perfeitamente inculturada”. Por isso, não só no centro e no sul, mas também no norte do Continente, a Virgem de Guadalupe é venerada como Rainha de toda a América”.

Como todo acontecimento salvífico, o Guadalupano, embora verificado num momento histórico e num determinado lugar, transcende as fronteiras, as culturas, os povos, os costumes e chega até o mais profundo do ser humano, e obtém a conversão desde o mais profundo da alma, do espírito e da razão; é um encontro profundo com Deus, que sempre é o primeiro a tomar a iniciativa, tornando real a mudança de vida.

Neste acontecimento de Salvação, manifesta-se de maneira clara a intervenção amorosa de Deus numa evangelização conduzida por Maria até a verdadeira conversão, como se expressa o evangelho de João (2,5), quando, nas bodas de Caná, Maria, a Mãe de Deus, se dirige com certeza e segurança ao ser humano: “Façam o que Ele disser”. É Ela quem nos leva até o seu Filho Misericordioso, à Eucaristia.

Esta é uma admirável história de onde parte a evangelização em todo o Continente Americano e mais além de suas fronteiras, sob a orientação da Igreja.

Certamente, um sinal concreto, claro e objetivo da importância do acontecimento Gua-

dalupano foi a conversão dos indígenas, que a partir daquele momento se contam aos milhares. E isso se constata nas fontes históricas; por exemplo, Frei Toribio Motolinía, grande missionário franciscano que além de indicar que o trabalho realizado pelos franciscanos tenha dado como resultado certa quantidade de batizados a indígenas, não pôde negar que nos primeiros anos os índios permaneciam relutantes em converter-se ao catolicismo: “Os mexicanos caminharam muito friamente ao longo de cinco anos – declarava o missionário”. Ele também estava ciente da insignificância dos recursos diante do enorme trabalho; seus grandes problemas e a insegurança quanto à sinceridade das conversões; o receio de que a piedade fosse idolatria dissimulada subsistiu durante longo tempo em todos os missionários e chegou a ser para alguns, como Frei Diego de Durán, uma obsessão. Entretanto, depois dos primeiros anos, Motolinía nos dá notícias do grande número de indígenas que pediam o batismo e as crônicas narram que se contavam aos milhares.

Aspecto-chave nesta conversão é que Maria leva-nos ao seu Filho Jesus Cristo. A imagem de Nossa Senhora de Guadalupe é cristocêntrica, pois coloca o seu Filho Jesus no lugar que lhe corresponde, no centro de toda a sua mensagem e imagem. A Virgem-Mãe grávida que espera Jesus Cristo, que traz em seu ventre, como um tesouro que nos oferece. Isso também se confirma pelo Nican Motecpana [documentos mestiços relativo a Guadalupe]: “Como se constatou a Rainha do Céu, nossa preciosa Mãe de Guadalupe, não veio apresentar-se só para socorrer os naturais em suas misérias mundanas, mas também, quis dar-lhes a sua luz e o seu auxílio, a fim de conhecerem o verdadeiro e único Deus e que por Ele vieram a conhecer a vida do céu”¹. Para tanto, continua o relato, Ela mesma veio introduzir e fortalecer a fé, que os reverendos filhos de São Francisco já haviam começado a compartilhar”².

O P. Francisco Javier Clavijero SJ, escreveu em 1872:

*“Entre os benefícios gerais que Deus concedeu ao México por meio da Santíssima Virgem, tem-se por primeiro e maior a rápida extinção da idolatria neste vasto reino (...)”*³.

O grande pensador contemporâneo de origem chilena P. Joaquín Alliende Luco disse:

*“A inculturação sempre foi um processo acidentado, e mesmo com momentos de violência e luta. Um modelo de exímia inculturação fecunda é Maria de Guadalupe. A missão evangelizadora dos primeiros parecia destinada ao fracasso. Depois das aparições de Tepeyac, a situação missionária mudou radicalmente. Intermináveis procissões de indígenas pediam o batismo (...). Guadalupe aparece talvez como o acontecimento de maior sucesso da história da Igreja”*⁴.

Maria leva o povo ao seu Filho, para ser alimentado da mesma carne e sangue de Jesus. Ela ensina a ser irmãos e construir e formar juntos a civilização do amor.

O primeiro anúncio de evangelização desenvolveu-se e passou por diversos momentos durante a história do povo da América. Parece que quinhentos anos não sejam suficientes; parece que a Virgem de Guadalupe procura novos mediadores, novas testemunhas, para uma nova evangelização. Estes, somos nós, Salesianos, e as novas vocações com a atitude humilde de filhos e servos, e com a mesma atitude de “Juan Diego”. ■

¹ Fernando de Alva Ixtlilxóchitl., Nican Motecpana, p. 307

² Fernando de Alva Ixtlilxóchitl., Nican Motecpana p. 307

³ Fernando de Alva Ixtlilxóchitl, Imagen de Nuestra Señora de Guadalupe, cap. 11. p. 595.

⁴ Joaquín Alliende Luco, Para que nuestra América viva, Ed. Nueva Patris, Chile 2007. P. 97.

Dom Bosco e as Missões Indígenas da América Latina

P. Francesco Motto SDB - Instituto Histórico Salesiano

Os sinais incipientes e as vagas aspirações missionárias de Dom Bosco, cultivadas nos anos da sua formação sacerdotal e do início do seu sacerdócio, permaneceram tais até 1875, exatamente no coração do despertar missionário do século XIX. Contudo, depois de vinte anos de atenção ao mundo missionário favorecido pelo ambiente eclesial turinense e por um decênio de contatos diretos com missionários em grande parte bispos de áreas consideradas “terra de missão”, tornaram-se realidade para os seus filhos, salesianos.

A aprovação definitiva das Constituições Salesianas (abril de 1874), nas quais, contudo, não havia qualquer sinal de *missiones ad gentes*, fez soar na Sociedade Salesiana a hora da sua internacionalização e da sua ação missionária. De fato, a exigência de prover de padres os imigrados italianos em Buenos Aires e administrar um futuro colégio na província foi rapidamente acolhida por Dom Bosco; mas, em tempos igualmente rápidos (janeiro de 1875), com uma jogada de mestre, transformou-a, no imaginário salesiano e da própria opinião pública, em verdadeiro projeto de missões entre os índios: ir até as “grandes hordas de selvagens” dos Pampas e da Patagônia, onde “ainda não penetrou nem a religião de Jesus Cristo, nem a civilização, nem o comércio, onde o pé europeu até agora não pôde deixar qualquer vestígio”. Talvez, Dom Bosco tenha individuado naquelas terras os cruéis selvagens do sonho de alguns anos antes, no qual os índios matavam outros missionários, mas acolhiam benevolmente os Salesianos!

Antes ainda da partida dos missionários, interessou-se por obter um Vicariato apostólico, o que só conseguiria em 1883. Assim como também permaneceu suspenso por alguns anos o projeto “À Patagônia, à Patagônia Deus o quer!”, devido à dura realidade local tanto religiosa (anticlericalismo, maçonaria, liberalismo hostil, protestantismo) como social (instabilidade política, econômica e comercial, nacionalismo hostil à Igreja católica, a questão não resolvida dos indígenas cujas terras estavam sendo ocupadas), ou emigratória (italianos “mais indianizados do que os Índios quanto aos costumes e à religião”). Depois, em meados de 1877 Dom Bosco apresentou à Santa Sé a ereção de um, dois ou três Vicariatos, mas o seu entusiasmo foi logo contido pelo Padre Cagliero, que se preparava para retornar à Itália.

Falida em maio de 1878 a primeira tentativa de chegar ao norte da Patagônia pelo mar, só em abril de 1879 as portas da Patagônia foram abertas a dois Salesianos, embora através da problemática capelania militar da famosa “campanha do deserto”, que deu o golpe final no extermínio dos índios. Em meados de agosto, o arcebispo de Buenos Aires, porém, ofereceu formalmente a Dom Bosco a missão patagônica, e o grupinho dos primeiros Salesia-

nos partiu para o Rio Negro em 15 de janeiro de 1880. Lá, haveriam de trabalhar em paróquias e escolas, mas de lá se lançariam com rápidas missões entre os índios ao longo dos rios até a Cordilheira, até mesmo ao lado do exército (1881-1883).

Finalmente, em 16 de novembro de 1883, a *Propaganda Fide* erigiu o Vicariato apostólico da Patagônia setentrional e central, confiando-o ao Padre Cagliero; em 2 de dezembro, foi a vez do Padre Fagnano a ser nomeado Prefeito apostólico da restante parte da Patagônia argentina e chilena, das ilhas Malvinas e das outras além do estreito de Magalhães.

O sonho da famosa viagem em trem de Cartagena, na Colômbia, até Punta Arenas, no Chile, de 10 de agosto de 1883, começava a realizar-se, tanto mais que alguns Salesianos de Montevideú chegaram a fundar no início de 1883 a casa de Niterói, no Brasil.

Embora passando por dificuldades tanto com o arcebispo de Buenos Aires quanto com o governo argentino, em tempo de ruptura das relações com a Santa Sé (outubro de 1884), – jamais foi dado o consentimento para a ereção de circunscrições eclesiásticas autônomas; – em 1887 uma lei especial criou três Vicariatos, mas não na Patagônia. As dificuldades de encontrar um equilíbrio entre Roma, Salesianos e governos argentino e chileno continuaram ainda com o Padre Rua.

A atividade missionária

Ainda durante a vida de Dom Bosco, a atividade missionaria desenvolveu-se segundo a praxe codificada na Itália. Os Salesianos conquistaram o coração das comunidades de fiéis (italianos e indígenas), aos quais serviam com a sua “ação social” (oratórios, escolas, sociedades de mútuo socorro, bandas) e a sua “ação pastoral” nas igrejas e capelas (pregação, catequese, sacramentalização). À igreja da Misericórdia para os italianos (1876) acrescentou-se logo a paróquia da Boca (1877) e sucessivamente foram fundadas outras em favor sobretudo dos indígenas das pequenas comunidades de Carmen e Viedma (1879-1880), de Gallegos (1855), de Chos Malal (1880) e Paysandú (1881) e, no Chile, em Punta Arenas (1877). No conjunto, não se pode dizer que tenham sido materializadas muitas iniciativas no campo direto das *missiones ad gentes*; contudo, é igualmente verdade que uma intensa ação missionária caminhava através da fundação de 18 presenças entre colégio-internatos, escolas e asilos – frequentados também por indígenas – quase todas estrategicamente posicionados tanto na Argentina (nove) e, em seguida, no Uruguai (três), no Brasil (duas), no Chile (três) e no Equador (uma).



Quanto ao pessoal salesiano, havia, à morte de Dom Bosco, uns cinquenta SDB nas seis obras da Inspetoria do P. Costamagna; por sua vez, o Vicariato apostólico do P. Cagliero ampliara as obras deixadas pelos Lazaristas enquanto os Salesianos capelães militares, ou seja, missionários itinerantes, tinham visitado os indígenas, mais ou menos civilizados, espalhados pelas colônias, nos postos militares avançados, em áreas desabitadas dos Pampas e da Patagônia. O ativíssimo P. Fagnano conseguiu organizar, depois, em Carmen, a heterogênea comunidade de indígenas, negros descendentes de escravos africanos e imigrantes europeus, e dar vida a uma Sociedade italiana de mútuo socorro.

No início de 1884, os Salesianos já tinham administrado 5.000 batismos e explorado 250.000 km² do território norte-patagônico aventurando-se pelos vales e ao longo dos cursos d'água, muitas vezes em situações proibitivas. Nos colégios masculinos e femininos de Carmen e de Viedma acolhiam algumas centenas de meninos e meninas e, num asilo anexo às escolas, um grupo de indígenas órfãos aprendiam alguma profissão e música instrumental. Nos quatro anos seguintes, o P. Costamagna, o próprio Dom Cagliero (no biênio 1885-1887) e outros Salesianos percorreram milhares de quilômetros, geralmente a cavalo, pelos acima ditos vales e desertos.

Dever-se-ia acrescentar a esses missionários do Rio Negro, outros onze agentes no Chile, nos colégios de Concepción (com missão em Malbarco) e na escola de artes e ofícios de Talca. Por sua vez, a Prefeitura da Patagônia meridional tinha um Salesiano nas missões de Santa Cruz, das Malvinas, e quatro na de Punta Arenas desde abril de 1877, compreendendo aí Mons. Fagnano, que para fazer da Terra do Fogo o campo preferencial da sua atividade fixara sua residência em Punta Arenas (1500 habitantes). Ali precisou equilibrar-se entre as várias facções da política nacional que, em 1833, rompera as relações com a Santa Sé, antes da aprovação das leis “laicistas”.

Em síntese

O projeto de Dom Bosco de criar na Patagônia argentina uma colônia de indígenas com uma vida social e cristã organizada segundo o modelo europeu, revelou-se pura fantasia, não fosse por outro motivo, porque jamais o governo argentino admitiria uma área independente no seu território (como também o governo chileno teria feito o mesmo em relação aos fueguinos da ilha de Dawson depois da morte de Dom Bosco). Por outro lado, os dois Países favoreceram no fim do século as *reducciones* salesianas na Terra do Fogo, baluarte útil contra eventuais pretensões de outras nações).



Padre Alberto Maria De Agostini com o selk'nam Pachek na Terra do Fogo.

Naquelas terras, permaneceu sempre em auge a antinomia: “civilização ou barbárie”, ou seja, uma política que não garante os direitos de terra e de costumes dos indígenas, submetendo-os com a força. Os Salesianos perceberam-na e expressaram um angustiante sentimento de impotência diante dela. Sua única possibilidade de evitar a violência era a lenta penetração do evangelho; mas teria exigido não só tempos longos, como também recursos humanos e missionários do que a Igreja na Argentina não dispunha. A alternativa de avançar sozinhos entre indígenas hostis também pelas crueldades feitas pelos brancos (cristãos), não tinha sentido. Contudo, acompanhando os soldados, podiam sempre mitigar a violência deles, evitar mortes indiscriminadas, o que efetivamente aconteceu muitas vezes.

Se, juntamente com a evangelização, o objetivo primário da obra salesiana era a “salvação da alma” dos indígenas, dada a sua situação de extrema carência, impunha-se a ajuda humanitária, a sobrevivência, administrada possivelmente na total participação da vida cotidiana. Uma antropologia teológica, a salesiana, que evidentemente não podia ter grande influência no exército argentino, mas que foi intuída pelos indígenas distinguindo entre missionários e militares. De fato, para os Salesianos, o “selvagem”, entendido como aquele que ficara simplesmente atrasado na evolução natural da civilização, estava disponível a ser “honesto cidadão” e “bom cristão” graças à educação, à civilização e à evangelização. Tanto mais na presença de um estilo de ação pastoral marcado pela caridade, sem uso da violência.

Não faltaram as limitações pessoais: formação missionária um tanto romântica e edificante; preparação cultural insuficiente, informação geográfica, histórica, antropológica imprecisa, falta de qualquer experiência na evangelização de indígenas, fragilidades espirituais e de caráter. Acrescente-se ainda a eclesiologia e missiologia frágeis, a falta de um diretório para as missões, a pouca clareza nas relações entre Ordinários do lugar, missionários apostólicos e religiosos missionários, etc. Contudo, a essas lacunas supriram a extrema generosidade e o grande espírito de sacrifício, o forte espírito de pioneiros e os inesperados dotes de percepção e adaptação à realidade, as capacidades incríveis de empreendedorismo e habilidade em situações de extrema indigência, a coragem e o zelo dos missionários melhores, o entusiasmo contagioso de Dom Bosco. Estão decisivamente entrelaçadas entre si naquelas terras a história da Argentina, a história da Patagônia, a história das missões salesianas. ■



*Alunas internas do Colégio
Maria Auxiliadora de General Roca.*

Do Primeiro Anúncio à Igreja local

P. Alfred Maravilla SDB

A principal razão para a atividade missionária «ad gentes» é iniciar uma comunidade cristã entre o povo que ainda não conhece Cristo e onde a Igreja ainda não se enraizou. Esta atividade é gradual e tem várias etapas. Ela começa com o primeiro anúncio. Este serve para provocar o interesse pela pessoa de Jesus Cristo. Eventualmente, é seguido pelo querigma, o catecumenato, a conversão, o batismo, a catequese e, ao longo da vida, a construção das estruturas da Igreja local, o cuidado pastoral da comunidade de crentes e a nova evangelização daqueles que perderam o sentido da fé e da pertença à Igreja.

Nos territórios de missão, com muito poucos católicos, a Santa Sé, através da Congregação para a Evangelização dos Povos, erige um tipo de estrutura eclesial provisória. Isso é feito para reforçar as novas comunidades católicas num território onde não se pode criar uma diocese devido ao pequeno número de católicos, à falta de estruturas básicas da Igreja local ou por razões políticas e ecumênicas.

Inicialmente, a Santa Sé erige uma **Missão sui iuris** sob a guia de um sacerdote como Superior Eclesial. Quando aumenta o

Dom Mario
Fiandri SDB
Vigário Apostólico
de Petén.



Catedral do Vicariato Apostólico de Pucallpa.

número de católicos, erige-se uma **Prefeitura Apostólica** presidida por um sacerdote como Prefeito Apostólico. Quando a comunidade católica continua a crescer e algumas estruturas eclesiais começam a ser erguidas, a Prefeitura Apostólica é elevada a Vicariato Apostólico presidido por um **Vigário Apostólico**, que é normalmente um bispo titular. Nas terras missionárias não diretamente sob a responsabilidade da Congregação para a Evangelização dos Povos, devido a circunstâncias especiais, a Santa Sé pode erigir uma **Prelazia Territorial**, acima dos Vicariatos, mas que não é ainda uma diocese. Quando há um suficiente número de católicos, clero local e estruturas básicas necessárias para uma Igreja local, o Vicariato Apostólico ou a Prefeitura é elevada a **Diocese** com o seu próprio Bispo (CIC 368-371).

Em muitos casos, a Santa Sé confia uma Missão sui iuris ou Prefeitura Apostólica a uma congregação religiosa clerical cuja tarefa é fomentar o crescimento da terra de missão, até chegar a ser uma diocese. As responsabilidades da Congregação para fomentar o desenvolvimento da Igreja local estão estipuladas num acordo com a Sé Apostólica.

Territórios missionários confiados à Sociedade Salesiana

- **Vicariato Apostólico de Méndez (Equador)**
erigido e entregue à Sociedade Salesiana em 1893
- **Vicariato Apostólico do Chaco Paraguai (Paraguai)**
erigido e entregue à Sociedade Salesiana em 1948
- **Vicariato Apostólico de Puerto Ayacucho (Venezuela)**
erigido e entregue à Sociedade Salesiana em 1948
como Prefeitura Apostólica do Alto Orinoco,
elevada a Vicariato Apostólico em 1953 com o nome atual
- **Prelazia Territorial de Mixes (México)**
erigida e entregue à Sociedade Salesiana em 1964
- **Vicariato Apostólico de El Petén (Guatemala)**
erigido em 1951 como Administração Apostólica de El Petén,
elevada a Vicariato Apostólico em 1984, entregue à Sociedade Salesiana em 1995
- **Prefeitura Apostólica do Azerbaijão**
A Missão sui iuris de Baku foi erigida e entregue à Sociedade Salesiana em 2000,
e elevada a Prefeitura Apostólica em 2011.
- **Vicariato Apostólico de Gambella (Etiópia)**
erigido e entregue à Sociedade Salesiana em 2000
- **Vicariato Apostólico de Pucallpa (Peru)**
erigido em 1956 e entregue à Sociedade Salesiana em 2008



Catedral do Vicariato Apostólico de Méndez.

O Primeiro Anúncio na Prelazia Mixepolitana de Maria Auxiliadora

P. Miguel Ángel Lezama Rojas SDB

O zelo missionário e a paixão apostólica dos primeiros evangelizadores das Serras centro-orientais de Oaxaca, México, é uma contribuição dos Dominicanos (1548-1763) através da pregação, catequese e formação de pessoas e comunidades das diversas etnias que povoavam aquelas regiões: Mixes, Chinantecos e Zapotecos. Seguiram-nos incansáveis servidores diocesanos entre os anos 1763 e 1966.

Tlahuitoltepec foi a primeira paróquia confiada aos Salesianos em 24 de outubro de 1962; iniciavam-se assim as expedições missionárias a Oaxaca; em 1964 uniram-se as Filhas de Maria Auxiliadora. Com o P. Braulio Sánchez Fuentes à frente inicia-se uma etapa de presença evangelizadora caracterizada pela proximidade e amabilidade. Os antepassados deram como herança à alma dos Mixes muitos valores e também o orgulho de jamais terem sido conquistados; a *devoção a Maria Auxiliadora* haveria de ganhar uma alma autônoma, florescendo a música como linguagem de veneração à Mãe de Deus.

Com as paróquias, para potencializar a vida cristã das comunidades, 6 anos depois da chegada das forças missionárias salesianas, foi criada para a região Mixe a **primeira escola-internato IMCI**, com a intenção de formar os futuros leigos como *verdadeiros agentes para melhorar as suas comunidades*. A semente do evangelho na educação deu muitos frutos, pois deste centro saíram muitos servidores públicos, homens

*Seminaristas
do Seminário Diocesano
São João Bosco.*

e mulheres de bem. Esta escola uniu SDB e FMA para servir aos jovens e suas famílias.

Em 1990 veio o centro para a região Chiriquiana **CECACHI**. Atualmente são atendidos outros 2 centros educativos elementares.

O desejo e a convicção da formação dos leigos para a Evangelização e a Promoção Humana acompanharam os 4 Planos Pastorais dos 50 anos desde a Ereção Canônica como Prelazia; seus 3 bispos SDB: *Dom Braulio Sánchez F.*, *Dom Luis Felipe Gallardo* e o atual, *Dom Héctor Guerrero*, criaram e apoiaram as casas e os cursos de capacitação para dotar as comunidades de bons líderes (Auxiliares, Catequistas e Pais de Família).

Em 4 de fevereiro de 2009 o Nuncio Apostólico presidiu a bênção da 1ª etapa do Seminário Menor Diocesano São João Bosco (Seminário Indígena) para aumentar a **Inculturação do Evangelho**. Atualmente, o clero prela-

tício chega a 16 sacerdotes e 44 seminaristas. Inumeráveis voluntários, homens e mulheres, enriqueceram e foram enriquecidos no serviço evangelizador.

Em 2013 ia para a Casa do Pai, Mateo Morales, primeiro presbítero autóctone prelatício, e em 2014 acompanhava-o Georgina Concepción Pérez Ch (Conchita), missionária leiga: modelos de dedicação apostólica, semente de novas forças.

O coração missionário de Dom Bosco deixou em herança à sua família espiritual esta convicção própria de todo batizado; e a Prelazia enriqueceu-se e foi abençoada por um grande número de missionários e missionárias *Ad Gentes* vindos da Itália, Espanha, Costa Rica. Ao mesmo tempo, esta Igreja local amadurece para também ser missionária. ■

Chaco Paraguuaio: Terra do Primeiro Anúncio!

Ir. Graciela Fernández FMA

A terra do primeiro anúncio de Jesus é Chaco Paraguuaio, difícil e perigoso, especificamente no Alto Paraguai constatando que ainda estamos nos inícios da reflexão e do estudo sobre ele.

Começam as viagens missionárias pelo Chaco Paraguuaio em busca de um lugar favorável para fundar a missão, logo depois que foram estabelecidos os convênios⁵ entre o Bispo do Paraguai Juan Sinforiano Bogarín e a Congregação Salesiana, nos anos 1917-1918; a situação em que se encontram os filhos



*Dom Gabriel Escobar SDB
Vigário Apostólico
do Chaco Paraguuaio*

desse povo é assim descrita: “os habitantes cristãos dispersos pelos bosques do Chaco passam uma vida de penúrias morais a muito lamentar; não se lhes pode dirigir a palavra em grupo porque vivem isolados e em choupanas instáveis”⁶, as populações ribeirinhas sacudidas por frequentes inundações não permitem a organização de uma pastoral sistemática. Diante desta triste situação,

onde construir a missão para os povos indígenas? É preciso encontrar uma solução adequada.

Encontra-se o lugar esperado: **Napegue**, e cria-se o primeiro assentamento fixo das missões; o modelo escolhido é o da *Reducción*,⁷ onde se reúnem famílias indígenas dirigidas pelos Salesianos de Dom Bosco, Filhas de Maria Auxiliadora e famílias cristãs não indígenas que servem de modelo de vida familiar cristã. O primeiro Anúncio de Jesus neste período pode ser definido com estas expressões: “*conversão e civilização dos índios*”,⁸ através de escolas, catequese, sacramentalização, associações cristãs e também ensinos manuais e trabalho agrícola.

A partir deste local as diversas populações ribeirinhas serão aos poucos acompanhadas pastoralmente e, com o aumento do pessoal missionário vão sendo fundadas outras casas, de Puerto Pinasco até Bahía Negra na fronteira com a Bolívia.

Os missionários guiados pelas Orientações do Concílio Vaticano II e pelos Documentos emanados em seguida,⁹ aprofundam o envolvimento do Evangelho no coração das culturas autóctones, tomam consciência da presença das sementes do Verbo, trabalham para a superação do etnocentrismo, revalorizando a cultura indígena e dando espaço ao protagonismo dos povos em sua própria organização e gestão. Para tanto será reforçada a formação dos agentes pastorais autóctones facilitando o anúncio da Boa-Nova de Jesus com os princípios próprios de cada etnia.

Pelos anos 1990 desenvolve-se a Pastoral da Comunicação com a criação de rádios comunitárias, elemento facilitador para a conscientização, catequese e comunicação entre os povoados distantes.

Devido às exigências das situações históricas¹⁰ que comportam uma profunda reflexão sobre a ação missionária, criam-se estilos de acompanhamento comprometidos na luta pela terra, na criação de organizações populares, animação, promoção e autogestão de projetos atuando em conjunto com diversas Instituições.

Atualmente, o Primeiro Anúncio de Jesus



é vivido no testemunho simples, próximo e alegre, valorizando a particularidade de cada cultura, de cada povo na expressão do Evangelho com suas categorias próprias.

O missionário é promotor do crescimento da fé, animador, guia que estimula a maturidade cristã, disposto a deixar-se interrogar e transformar. É encontrado nas comunidades paroquiais, nas comunidades indígenas, dedicando-se à formação de agentes de pastorais, acompanhando os animadores, estando presente nas celebrações litúrgicas das capelas ou oratórios, criando ambiente educativo na escola-internato, ou acompanhando a gestão das creches-refeitórios, como também a promoção da dignidade da mulher e as vocações autóctones.

O Primeiro Anúncio de Jesus oferece um horizonte amplo. Jesus é a Grande Notícia anunciada e acolhida, mas que ainda precisa ser aprofundada, para dar respostas aos questionamentos atuais, aos desafios oferecidos pela cultura envolvente, capaz de criar um humanismo cristão enraizado nos valores e numa fé forte e profunda. ■

⁵ Arquivo Salesiano Central A 902 0101 - A 902 0106

⁶ Arquivo Salesiano Central A 903 010104

⁷ 1925 é o ano em que se tornará realidade a presença permanente da Congregação Salesiana, como primeira presença católica na história da evangelização do Chaco, desde as primeiras tentativas jesuíticas nos anos 1610 e 1613.

⁸ S. Congregatio Consistoriales. Arquivo Salesiano Central A 902 0106

⁹ S. Congregatio Consistoriales. Arquivo Salesiano Central A 902 0106

¹⁰ AD, EN e os Documentos do CELAM

¹⁰ O Chaco paraguaio enfrenta ainda hoje a invasão de seus territórios, com a venda indiscriminada de terra da parte do Governo paraguaio a empresários estrangeiros, sem levar em conta a população pré-existente. A falta de política de governo é constatada na ausência ou ineficácia dos serviços básicos (água potável, serviços de saúde, instituições educativas, estradas transitáveis, etc.)



Os Salesianos e os Indígenas na América Latina

P. Juan Bottasso SDB

O que incendiava o zelo missionário de Dom Bosco era saber que muitas almas corriam o perigo de se perderem eternamente por morrerem sem o batismo. A finalidade da missão, segundo a teologia de então, não era pregar o Reino ou implantar a Igreja, mas salvar as almas.

Quando os projetos de João Bosco foram se concretizando, essas “almas” começaram a assumir os rostos dos indígenas patagônicos dando início à aventura missionária salesiana. Depois da evangelização dos Mapuches e dos Fueguinos, a Congregação Salesiana foi encarregada de evangelizar outros povos: Bororos, Shuar (Jívaros), Xavantes, Ianomâmis... A dedicação dos missionários à missão foi total e os resultados apreciáveis em seu conjunto.

Os relatos das aventuras missionárias encheram páginas e páginas do Boletim Salesiano, dando a impressão aos leitores que um grande número dos religiosos se dedicava a esse trabalho. Contudo, a realidade era outra. O trabalho salesiano na América Latina foi essencialmente urbano. Enquanto, no final do século 19, as ondas de migrantes, não mudaram substancialmente a situação demográfica do continente, o percentual de indígenas ainda era muito alto, especialmente nos Andes, na América Central e no México, mas deles não se ocuparam os Salesianos. O objeto de seus desvelos foram alguns grupos “primitivos” que, estatisticamente, eram um percentual baixíssimo no interior do mundo dos ameríndios.

Por que os Salesianos não se ocuparam das grandes massas de indígenas? A resposta é complexa.

As Igrejas locais pediam quase exclusivamente a fundação de centros educativos para fazer frente ao avanço do liberalismo e readquirir visibilidade na sociedade. Muitos governos, também liberais, viam com simpatia a capacidade dos Salesianos de fomentar a educação técnica, ainda ausente em quase todos os países.

A promoção dos indígenas não era vista como prioridade. Eles podiam sofrer exploração e pobreza, podiam ser marginalizados, mas, para a Igreja sua salvação não corria perigo, porque eram batizados.

Foi sobretudo a partir do Concílio Vaticano II que a visão, também dos Salesianos, começou a mudar. A “opção preferencial pelos pobres”, acentuada pelo documento de Medellín, abriu os olhos para uma realidade que fora quase ignorada.

Os estudos sociológicos revelaram que os indígenas eram os mais pobres entre os pobres, porque, além de sofrer tremendas penúrias, eram discriminados e vítimas de racismo generalizado.

Foi nos anos setenta que no Equador, Peru, Bolívia e Guatemala, os missionários salesianos começaram a aproximar-se da questão indígena, vista em sua dimensão real e dentro do contexto global da sociedade. O tema tinha óbvias implicações políticas e exigia

um sério conhecimento da antropologia, para enfrentar os desafios das mudanças culturais. Era também urgente iniciar a defesa ativa do território, num momento em que todos os Estados se esforçavam por ampliar as fronteiras agrícolas e pecuárias, às custas das áreas ocupadas pelos indígenas.

Tanto as ciências sociais quanto a teologia começavam a apresentar uma nova visão dos indígenas. De um lado, deixava-se de considerá-los como povos atrasados, para vê-los como portadores de grandes valores; de outro, as Igrejas já não se limitavam a preocupar-se exclusivamente com a salvação de suas almas, mas pela promoção das pessoas. E a pessoa, sabe-se, só pode ser compreendida plenamente enquanto membro de um grupo, no interior de uma rede de relacionamentos.

Nos anos 70-90 as atividades foram intensas. Vários grupos foram ajudados a se organizar politicamente, foram promovidas as escolas bilíngues interculturais e estabelecida a colaboração com antropólogos, linguistas e historiadores, foram incentivadas as pesquisas que acabaram em publicações valorizadas no Continente todo. Em poucos anos, no Equador, a opinião pública chegou a identificar os Salesianos como alia-

dos dos indígenas e especialistas nas questões relacionadas com eles.

Ultimamente esse fervor perdeu o ímpeto. São muitas as causas. O cenário mundial mudou, a globalização colocou em crise muitos projetos, a urbanização está levando grandes massas indígenas para as cidades, perdendo com isso a preocupação de manter a identidade.

O pessoal salesiano está diminuindo, enquanto os jovens se orientam mais para outros tipos de urgência, como os meninos de rua e os jovens em situações de risco.

Os Salesianos serão capazes de um repensamento, segundo os novos desafios, para continuarem fiéis à sua vocação missionária? ■



Padre Roberto Cappelletti e jovens da Missão Salesiana de Iauaretê – Amazonas (Brasil).

Os Salesianos e os Povos Indígenas Andinos do Equador

P. Robert Garcia SDB

Os jovens Salesianos sonhavam com um campo de apostolado nos setores indígenas mais marginalizados, para apresentar “o Cristo dos indígenas” com uma evangelização comprometida, libertadora, que restaurasse a dignidade dos indígenas, um Cristo muito mais próximo,

um Cristo pobre, como eles, mas com muita esperança e fé. Nasce assim a Missão de Zumbahua em 2 de janeiro de 1972 pela aprovação do Conselho Geral como resposta à necessidade de ajudar o próximo, valorizar a sua cultura, o seu idioma, as suas tradições, capacitar a mulher ➔

para ser educadora e catequista de seus filhos sem esquecer a própria história.

Depois disso, em 10 de novembro de 1976 nasce uma nova missão numa região conhecida como “Talagua”, que compreende Salinas, Simiátug e Facundo Vela, para atender um grupo aproximado de 50.000 camponeses indígenas, que eram explorados e abandonados. A missão começa com o diretor, P. Pio Baschiroto, e com os padres Antonio Polo e Alberto Panerati. Em Facundo Vela, organiza-se uma pastoral evangelizadora; em Simiátug nasce o centro de capacitação e promoção da mulher; em Salinas, promovem-se cursos de alfabetização, fábrica de tecidos típicos e fábrica de queijos e chocolates, conhecida atualmente como “El Saline-rito”, onde se promove o trabalho, a participação, a colaboração e a dignidade humana e cristã dos/as indígenas, gerando oportunidades de superação pessoal e espiritual.



Atualmente, a presença salesiana nas missões andinas atende 8 paróquias, 189 comunidades indígenas e camponesas, que contam com o apoio de 133 catequistas que colaboram nas tarefas da evangelização.

Como Inspeção há estes desafios:

- redefinir o serviço educativo-evangelizador, para ser mais significativo nestas realidades;
- propiciar aos nossos colaboradores o conhecimento da vida e da missão que nós Salesianos estamos prestando;
- modificar a atenção dada aos indígenas nas zonas urbanas;
- preparar agentes pastorais a serviço da pastoral indígena respeitando e aceitando seus costumes e sua visão de mundo.

O caminho ainda é longo, mas, como Salesianos, queremos continuar a corresponder às necessidades de hoje sendo sinais e portadores do amor de Deus aos mais pobres. ■



Os Salesianos e os Povos Aimará e Quéchuas na Bolívia

P. Juan Francisco Aparicio SDB

Os Salesianos na Bolívia acompanham e animam o itinerário pastoral dos povos Aimará e Quéchuas em várias de suas presenças no território boliviano.

A missão de Escoma começou em 1972.

Localiza-se no meio do planalto boliviano, a mais de 2800 metros de altitude, muito perto do lago de Titicaca, no departamento de La Paz. A grande maioria da população é aimará, povo de cultura milenar e de tradições ance-

trais. O principal trabalho realizado nessa região é a evangelização através de três paróquias: Escoma, Carabuco e Puerto Acosta. Deu-se também um importante apoio ao desenvolvimento social do lugar através do centro de formação e capacitação dos camponeses em assuntos agrícolas. Conta-se também com um colégio de educação secundária que forma novas gerações de jovens aimarás. Conta-se ainda com a rádio “Sariri”, emissora de alcance local em língua aimará que presta um precioso serviço de integração em toda a região.

No departamento de Cochabamba, duas obras missionárias atendem sobretudo a população quéchua que habita toda a região. A obra de Kami, por sua vez, desenvolve um trabalho pastoral e de promoção social desde 1977. A paróquia São José Operário conta com cerca de 20.000 habitantes; perto de 10.000 em Kami, principalmente mineradores, e o resto nas comunidades indígenas camponesas. Na paróquia há cerca de 100 comunidades de nativos (70 quéchuas e 30 aimarás), dispersas num amplo território, o que torna difíceis as visitas sistemáticas frequen-



tes. Tem uma forte incidência social, com a realização de projetos agrícolas para as comunidades mediante uma série de atividades de produção, capacitação, assistência técnica, promoção e desenvolvimento; uma rede de mais de 50 unidades educativas rurais em toda a região; uma central hidroelétrica que gera recursos para o sustento da obra; o apoio ao desenvolvimento da mulher camponesa; os internatos para jovens de comunidades distantes e a construção de estradas. No campo da comunicação, há a Rádio e TV “Dom Bosco”, que oferece serviço educativo, cultural e evangelizador muito apreciado.

A missão de Independência abrange uma extensão de 600 km² e nela se atendem perto de 60 comunidades indígenas e camponesas de origem quéchua. Os Salesianos estão presentes desde 1986 com a chegada do P. Pascual Cerchi e depois com a formação da comunidade religiosa. O serviço oferecido vai desde o anúncio evangelizador nas comunidades e a formação de catequistas nativos até a formação e educação de crianças e jovens com o colégio, o centro de capacitação agropecuária e a comunicação social com a rádio comunitária “São Domingos Sávio”. ■



A Presença Salesiana nos Andes Peruanos

Plano Missionário no Vale Sagrado dos Incas

Os Salesianos estão presentes nos Andes Peruanos desde os primeiros anos da sua chegada. Em 1891 teve início a obra de Lima. Em 1897 a presença salesiana chegava a Arequipa. Em 1905, estende-se a Cusco; em 1923 a Yucal, localizada no Vale Sagrado dos Incas. No mesmo ano os Salesianos chegam ao Vale do Mantaro, na cidade de Huancayo. Poucos anos depois, em 1929, a Puno e, finalmente a Ayacucho.

Em 1923, os Salesianos estabeleceram-se no Vale Sagrado dos Incas, com uma obra denominada “Granja Salesiana de Yucaj”, para educar os filhos dos camponeses da região. Esta obra foi mantida pela Inspetoria até 1971. Contudo, providencialmente, em 1973, foi confiada à Congregação a Paróquia de Calca e em 1974 também as de Huay e Yucaj. A partir de 1974 abriram-se novas residências missionárias de Amparaes, Quebrada Honda e Lares, destinadas a atender pastoralmente as comunidades nas montanhas dos Andes. Mais tarde, em Monte Salvado, seria aberto um centro de formação e capacitação de agentes pastorais e promoção da juventude da região.

A missão salesiana estende-se por 3 regiões: o **Vale Sagrado**, um belo vale a 2.900 metros de altitude. A cultura preferencial é a do milho além de outras espécies. Os Salesianos estão presentes com uma obra em Calca, dirigida por leigos; a **Zona Alta** fica entre 3.500 e 5.000 metros de altitude. O clima é frio e úmido, até glacial nas partes mais elevadas. As principais culturas são batata e outros tubérculos próprios das alturas. Nesta região temos 2 presenças, em Amparaes e Lares; a **Zona Baixa** é de clima quente, e é atravessada pelo rio Yanatile que periodicamente em tempos de chuva arrasa muitas estradas e culturas. Nesta região localiza-se a paróquia de Quebrada e o Colégio Monte Salvado.

A população do território é calculada em cerca de 65.407 pessoas segundo o censo de 2007. Quase 98% são batizadas e se professam católicas. Predomina a raça andina





quéchua com 60%; os mestiços são 40%. A maioria dedica-se à agricultura e, em menor escala, ao artesanato. A maioria dos jovens estuda nos centros semiurbanos. Pouquíssimos saem para continuar os estudos superiores em Cusco: a maioria não os conclui. Vivem normalmente sozinhos perto dos centros de estudos e, por isso, são presa fácil de vícios que lhes causam grandes danos. ■

Índio e Salesiano

P. Reginaldo Lima Cordeiro SDB-Brasil

No final do século XVII e início do século XVIII alguns povos indígenas do Rio Negro viveram uma trágica experiência de perseguição da parte dos exploradores não indígenas. Tirando estes, foram os meus antepassados da etnia Arapaso. Muitíssimas pessoas foram mortas e os demais fugiram para viver na floresta e não na margem do rio. Nesse período muitas pessoas também morreram devido à malária. Quando os Salesianos chegaram aproximaram-se deles, até conquistar a confiança do meu povo, demonstrando-lhe que não eram pessoa más. Isso possibilitou ao meu povo reagrupar-se como etnia voltando a viver na margem do rio, que significa viver com tranquilidade como um povo organizado, mantendo os próprios valores culturais, como o sentido de autoridade, o respeito aos pais, a valorização do matrimônio, o sentido da festa, a troca de ofertas na abundância de caça e pesca e também a organização religiosa com os próprios ritos, cantos e danças. A presença salesiana entre o meu povo foi importante neste processo de estabilidade na própria terra.

Ser índio salesiano é uma graça, mas requer saber unir a vivência do carisma salesiano com os valores do meu povo. Assim como no carisma salesiano há uma proposta de vida, também na cultura do povo Arapaso há uma

proposta de vida. Diante desta realidade o desafio é saber integrar os diversos valores da cultura indígena com os valores da vida religiosa salesiana. Ao mesmo tempo, é uma oportunidade que me enriquece com elementos a mais para oferecer no trabalho como índio salesiano e enriquece também os outros com os quais entro em contato, com o nosso modo de rezar, raciocinar e viver a vida. Tudo isso ajuda no processo de integração da teologia indígena com a teologia não indígena.

Sendo Índio, Salesiano e Sacerdote, favoreço a evangelização do povo brasileiro testemunhando e oferecendo os valores culturais que identificam fortemente o meu ser indígena salesiano com o sentido de religiosidade, comunidade, etc. E também o meu modo de me relacionar com a sociedade contribui para uma visão que promove o diálogo intercultural na cultura brasileira que é formada por *índios, brancos e negros* e a inculturação do Evangelho em diversos contextos geográficos do País. ■



Irmãs da Ressurreição

P. Eusebio Muñoz SDB - Delegado do Reitor-Mor para a Família Salesiana

Fundador é o Salesiano Padre Jorge Puthenpura, indiano de Poovathode, no Kerala, e, desde 1970, missionário entre os indígenas da Guatemala. Centenas de indígenas alegravam-se ao levar a boa-nova do Evangelho de aldeia em aldeia, embora 90% fossem analfabetos. As jovens também queriam fazer o mesmo. A possibilidade abriu-se com a chegada das Filhas da Caridade.

Em 15 de setembro de 1977 algumas “voluntárias”, que viviam com estas irmãs, orientadas pelo P. Jorge Puthenpura, começaram uma experiência de vida comunitária com a perspectiva de torná-la estável, numa casa independente. No mês de maio anterior, o Inspetor salesiano, P. Ricardo Chinchilla, fizera uma proposta inesperada de organizá-las como comunidade religiosa autônoma,

indicando-lhes o modo de proceder e dando-lhes os meios. Era a Providência! Em 31 de janeiro de 1980, três jovens do grupo expressaram o desejo de formar uma “pequena comunidade” com a finalidade de servir os irmãos camponeses.

Em 31 de janeiro de 1987, a comunidade foi aprovada por Dom Gerardo Flores Reyes. Luísa torna-se a primeira superiora. O bispo convalida os votos de 14 irmãs e admite as três primeiras aos perpétuos. São reconhecidas duas casas da Comunidade. O Centro “Talita Kumi” será a obra mais significativa da Congregação.

A pequena Comunidade está realmente inculturada: são todas indígenas, embora não seja um requisito estatutário. No início, grande parte era analfabeta, mas isso não lhes im-

pedia de transmitir uma riqueza cultural profunda e sentida. Seu apostolado é inculturar o Evangelho e ajudar os seus irmãos mais pobres, através da catequese e da promoção humana e social, especialmente em relação às jovens e às mulheres, com a alfabetização, a educação à saúde, à vida em família, à economia doméstica, à agropecuária e comercial com pequenas redes de minicrédito cooperativo, etc.

Uma experiência





estão muitos povos indígenas, muitas vezes esquecidos e também obrigados a abandonar a própria cultura. As Irmãs da Ressurreição são uma belíssima expressão do amor pastoral da Família Salesiana pelos povos indígenas.

A “Pequena Comunidade” é composta atualmente por 59 professoras, 12 noviças, 15 postulantes e 23 aspirantes, todas indígenas de diversas etnias. ■

totalmente nova com um lema significativo: “Cristo ressuscitou, ressuscitemos também nós com Ele”. O círio pascal torna-se o símbolo da Comunidade.

Cada um dos trinta grupos da Família Salesiana olha para Dom Bosco e dão uma contribuição especial ao carisma que ele trouxe à Igreja. As Irmãs da Ressurreição recordam-nos que precisamos olhar para os mais humildes com uma atenção especial. Entre estes




Os Salesianos e a Preservação das Culturas dos Povos Indígenas

P. Georg Lachnitt SDB

Para os fundadores do atual *Museu das Culturas Dom Bosco* (Campo Grande (MS)-Brasil), em 1948, havia uma ideia muito clara: “Os indígenas com suas culturas vão desaparecer; portanto, conservemos a sua memória no Museu”.



Hoje, a quase 70 anos da fundação do Museu Dom Bosco, constatamos que os indígenas com suas culturas, no caso os Bororo e os Xavante e tantos outros, sobre-

A photograph showing a group of indigenous people, likely from Brazil, in a dugout canoe on a river. They are using long wooden poles to navigate through a dense, green forest. The people are shirtless and wearing traditional loincloths. The canoe is made of a single piece of wood and is filled with people. The river is calm, and the surrounding forest is lush and green.

viveram com suas culturas: alguns conservando-a e praticando-a em sua vida com muito vigor; outros procurando, no Museu e sua documentação, algumas referências à maravilhosa cultura ancestral. É verdade, com a chegada do mundo conquistador, muitas culturas com seus portadores desapareceram, porque não conseguiram resistir ao impacto devorador da cultura do conquistador.

Desde as origens da nossa atividade missionária entre os indígenas, sempre houve missionários que se dedicaram à pesquisa e registraram elementos das línguas e culturas indígenas. Isso foi o início de um grande empreendimento que crescendo cada vez mais foi exigindo espaços maiores, mais colaboradores, precisava ser cada vez mais sistematizado até o momento em que todo esse trabalho missionário maravilhoso precisou ser depositado em um Museu para lhe garantir a conservação, divulgação e, posteriormente, ser posto a serviço da vida e cultura dos povos indígenas.

Assim sendo, os indígenas encontram no Museu os símbolos maravilhosos de sua cultura, e também se preocupam em como e de onde vieram todos os elementos de sua cultura. Já houve pedidos insistentes de levar de volta para a aldeia o que está exposto no Museu. Os indígenas do Mato Grosso de Sul não entregam seus símbolos culturais ao Museu, declarando-os do seu uso privativo e inalienável.

Hoje em dia o conceito de Museu está superando o de simples depósito, mesmo que artístico, de elementos de uma cultura. O Museu deve tornar-se ativo em favor das culturas indígenas. Ao Museu devem estar associados centros de pesquisa e produção de pesquisa como escritos e CDs e Vídeos, como ainda de produção de cultura. Em outras palavras, hoje em dia pesquisadores es-

treitamento ligados com as comunidades indígenas e com participação ativa de indígenas, devem produzir documentação cultural cada vez mais consistente e divulgá-la entre os seus. Como a educação escolar, a assistência à saúde e o apoio a novas técnicas de produzir alimentos dos mais diversos pertencem aos empenhos missionários, urge produzir pesquisas linguísticas e didáticas para as muitas escolas indígenas. A pesquisa da saúde tradicional em confronto com a saúde farmacêutica só pode ganhar somando experiências seculares consolidadas com a novidade da saúde moderna.

A conservação da alimentação tradicional com alguns acréscimos cuidadosamente escolhidos no mundo externo só podem significar melhor saúde e vida para os povos indígenas.

Dois aspectos hoje relevantes para manter o museu vivo são as filiais dos museus presentes em algumas aldeias indígenas, onde os indígenas se encontram, fazem suas pesquisas e registram-nas digitalmente. Assim encontramos um Museu na Missão de Sangradouro para os Xavante e outro Museu em Merúri para os Bororo. Periodicamente os dirigentes indígenas se encontram no Museu das Culturas Dom Bosco para treinamentos e apresentação das pesquisas feitas.

Mais ainda, há hoje os “Pontos de Cultura”, como existem na Terra Indígena Caa-rapó de MS, por exemplo. Computadores com um sistema de comunicação espalhados por diversas aldeias recebem as contribuições e intercomunicações das diversas aldeias dos Kaiowá-Guarani e tornam os dados colacionados disponíveis a todos. Essas são fonte de reanimação em um terri-



tório em que os indígenas foram deportados e com muitas dificuldades começam a retomar suas propriedades e através dos Pontos de Cultura intercomunicam fatos culturais para reorganizar sua sobrevivência ritual e espiritual.

Enfim, de um modo mais amplo, pesquisas da valiosa religião ancestral enriquecidas com a novidade do Evangelho anunciando que fortalece, eleva e purifica, com a contribuição de teólogos missionários e indígenas podem fazer brilhar uma nova expressão celebrativa mais enriquecida da maravilha do Evangelho do Senhor.

Todos esses são elementos que hoje devem ser assumidos pelos museus, vivos e ativos, que possam dar uma contribuição significativa para a conservação e crescimento das culturas indígenas. E para isso, a fileira de missionários somando com pesquisadores externos devem dar sua nova contribuição, para que os povos indígenas tenham vida e garantias de vida nas novas conjunturas pouco simpáticas à sua presença. ■

Os Santos Indígenas

São Juan Diego Cuauhtlatoatzin



Juan Diego nasceu em 1474 em Cuauhtitlan. Era um índio da etnia chichimeca. Homem simples, cheio de candor, sem duplicidade, dócil e humilde, quando conheceu os missionários franciscanos recebeu a água do batismo e abraçou a fé para sempre, encarnando com total fidelidade os ensinamentos que recebia. Não deixava de percorrer 20 km todos os sábados e domingos para assistir ao catecismo e Santa Missa. Teve a graça de ver sua esposa Maria Lúcia compartilhar com ele a sua fé. Ela morreu em 1529.

A Mãe de Deus olhou para este virtuoso indígena a fim de lhe confiar uma missão. No sábado, 9 de dezembro de 1531, Juan Diego dirigiu-se à igreja. Caminhava descalço, como faziam os de sua condição social, e resguardava-se do frio com uma *tilma* (manto feito com tecido à base de cacto). Quando rodeava o Tepeyac, Maria chamou a sua atenção dirigindo-se a ele em sua língua

natural: *“Juanito, Juan Dieguito!... Sou a perfeita sempre Virgem Santa Maria, Mãe do verdadeiro Deus”*. Recomendou-lhe que pedisse ao bispo Juan de Zumárraga para erigir uma igreja naquele local. O bispo reagiu com total incredulidade. Juan Diego voltou ao local no dia seguinte, e expôs à Virgem o que acontecera, sugerindo-lhe humildemente que escolhesse outra pessoa mais notável do que ele. Quatro aparições marcam as sublimes conversações que se deram entre Ela e Juan Diego.

Em 12 de dezembro, a Mãe consolou, animou e disse a Juan Diego que subisse a colina – onde não brotavam flores – para recolher flores e entregá-las a Ela. Ele acreditou, obedeceu e desceu depois com um frondoso ramo que levou em sua *tilma*. Mais tarde, quando Juan Diego conseguiu ser recebido pelo bispo, ao estender a *tilma* pôde comprovar que a imagem da Virgem ficara impregnada nela com belíssimas cores. À visão do prodígio, o bispo acreditou, arrependeu-se e realizou a vontade de Maria.

Fortuitamente, Juan Diego passou a viver numa humilde casa ao lado do templo. Consagrou a sua vida à oração, à penitência e a difundir o milagre entre o povo. Ocupava-se com a manutenção da primeira capela dedicada à Virgem de Guadalupe e em receber os numerosos peregrinos que chegavam até ela. Morreu em 30 de maio de 1548 com fama de santidade.

“A mensagem de Cristo através de sua Mãe assumiu os elementos centrais da cultura indígena, purificou-os e deu-lhes o definitivo sentido de salvação”, disse São João Paulo II durante a sua canonização em 2002. *“Assim, portanto, Guadalupe e Juan Diego têm um profundo sentido eclesial e missionário e são um modelo de evangelização perfeitamente inculturada”*. ■

Santa Kateri Tekakwitha



Kateri Tekakwitha, nasceu em 1656, em Ossermenon, aldeia dos iroqueses ao longo do rio Mohawk, hoje Estado de Nova Iorque. Aos quatro anos, uma epidemia de varíola na aldeia de Tekakwitha ceifou a vida de seus pais e seu irmão menor, deixando-a órfã. Tekakwitha foi adotada depois por seu tio que também era o chefe de Mohawk. Seu tio não gostava da nova estranha religião do missionário, mas tolerou a sua presença. Tekakwitha, porém, era fascinada pelas novas histórias que ouvia sobre Jesus e queria aprender mais sobre ele e fazer-se cristã. O jesuíta persuadiu o tio a permitir que Tekakwitha fosse ao catecismo. Na Páscoa seguinte, Tekakwitha, agora com 21 anos, foi batizada. Deram-lhe o nome de Kateri, ou seja, Catarina, em sua língua.

A recém batizada Kateri tornou-se intensamente devota, mas sua família e o povo do lugar não aceitaram a

sua opção por Cristo. Sua família negava-lhe comida aos domingos, porque ela não trabalhava nesse dia. As crianças insultavam-na e atiravam-lhe pedras. Ameaçavam-na com a tortura ou a morte se não renunciasse à sua religião. Kateri deixou a aldeia devido à crescente hostilidade e fugiu a mais de 300 km pelos bosques, rios e pântanos até chegar a uma missão católica perto de Montreal. Ali viveu numa cabana com uma mulher nativa que era cristã. Apesar de viver numa aldeia cristã, ela precisou enfrentar muita pressão cultural para que se casasse e participasse dos ritos nativos. Sua oração frequente diante do Santíssimo Sacramento e a prática de rezar o rosário, que trazia ao pescoço, foram sua foça para viver a fé. Kateri passou a vida ensinando os pequenos e ajudando os pobres e doentes da aldeia. Em 1679 fez voto de virgindade perpétua e dedicou totalmente o resto da sua vida ao Senhor. Até onde sabemos, é a primeira vez que um nativo indígena norte-americano o fazia. Ela morre em 17 de abril de 1680. Em 22 de junho de 1980 Kateri Tekakwitha tornou-se a primeira nativa indígena norte-americana a ser beatificada pelo Papa João Paulo II. Durante a canonização em 2012, o Papa Bento XVI ressaltou que “nela a fé e a cultura se enriqueceram reciprocamente”. ■

Os Três Mártires de Tlaxcala

Os Beatos Cristóbal, Antonio e Juan são três adolescentes indígenas de Tlaxcala, México, que a partir de uma fé total e muito firme demonstram para nós que defender a causa de Deus é ter amor por Ele.

Cristóbal nasceu em Atlihuahuetzía, Tlaxcala, filho de Acxotécatl, cacique principal. Ignorase a data do seu nascimento, tendo sido martirizado em 1527, possivelmente aos 12 ou 13 anos. Acxotécatl tinha quatro filhos, dos quais Cristóbal era o mais velho e o predileto. Cristóbal aprendia muito da doutrina cristã ao escutar os frades missionários e, por isso, pediu o batismo. Foi instruído a converter o seu pai e os seus servos que ainda praticavam culto aos ➔



antigos ídolos. Como as palavras não foram suficientes para convencer o pai, Cristóbal tomou decisões radicais e começou a quebrar os ídolos e derramar o pulque com que seu pai se embriagava. O pai, que não aceitou a conversão para a qual seu filho o convidava, mandou buscá-lo na casa do convento e fingindo que se tratasse de uma festa fechou-se com o filho e o golpeou até a morte com uma estaca sendo lançado depois numa fogueira pela sua madrasta Xochipapalotzin.

Antonio era neto de Acxotécatl e seu futuro herdeiro. Nasceu entre 1516 e 1517 e foi martirizado em 1529 com a mesma idade de Cristóbal. Juan era um vassalo de Antonio pois era originário do mesmo lugar e tinha praticamente a mesma idade servindo

Antonio como criado pessoal.

Dois anos depois do martírio de Cristóbal, chegou a Tlaxcala um frade chamado Frei Bernardino Minaya, com outro companheiro, que se encaminhavam para a província de Huaxyacac e pediram a Frei Martín de Valencia que lhes desse alguns meninos para os ajudarem na missão evangelizadora. Ao pedido, ofereceram-se imediatamente Antonio e seu criado Juan. Frei Bernardino fez com que compreendessem os perigos que enfrentariam pois não seria fácil evangelizar um povo eminentemente idólatra, e, por isso, era latente a possibilidade de martírio.

Foi assim que em Cuahutinchán, Puebla, entraram numa casa e quando estavam destruindo os ídolos, chegaram dois índios com algumas lenhas e com elas, sem dizer qualquer palavra, descarregaram sua fúria sobre o menino Juan. Antonio, ao ver a crueldade que faziam contra o seu criado, não duvidou, mas soltou alguns ídolos que tinha nas mãos para ajudar a Juan, mas os dois índios já o tinham matado e em seguida fizeram o mesmo com ele.

O martírio destes adolescentes indígenas foi possível porque eles preferiram sacrificar suas vidas, cheias de amor e de fé, e optaram pela defesa de suas convicções. Foram beatificados em 1990 durante a segunda visita do Papa João Paulo II ao México. Em sua visita em 2012 ao México, o Papa Bento XVI propôs às crianças estes pequenos mártires como exemplo a ser imitado. ■

Beato Zeferino Namuncurá:

um indígena santo formado pelos filhos de Dom Bosco

P. Jesús Jurado SDB

Do pai, cacique Namuncurá, homem forte e rude, de comando e de governo, aproximou-se o filho. Com voz resoluta e decidida: "Pai, as coisas não podem continuar assim. Quero estudar e ser útil ao meu povo!". As palavras de menino cravaram-se como um punhal no mais profundo do coração do pai. Não era uma criança que falava, era o filho de

Dom Bosco que aprendera dos Salesianos que devia ser outro Domingos Sávio para mudar a situação do povo.

Para dizer a verdade, Chimpay vira com sofrimento a destruição e decadência de um povo sofrido. Zeferino não era um menino qualquer; nascera com uma intuição profunda e uma visão que chegava até a profundidade da alma.

O adolescente que, com razão fora apelidado como o rapaz que “sorri com os olhos”, nasce em Chimpay, Argentina, em 26 de agosto de 1886. Zeferino cresce num ambiente tipicamente mapuche, mas graças à formação salesiana muda o seu modo de viver a vida. O cacique Manuel Namuncurà decide colocá-lo numa escola profissional de La Marina, onde ingressa como aprendiz de carpintaria. Zeferino não se deu bem nesse lugar. O pai o leva, então, à escola salesiana, o colégio Pio IX, de Almagro. Zeferino é aceito e ingressa ali em 20 de setembro de 1897. Dizem os historiadores que a vida de Zeferino era outra, chegara ao céu, sentia-se feliz por estar com os Salesianos.

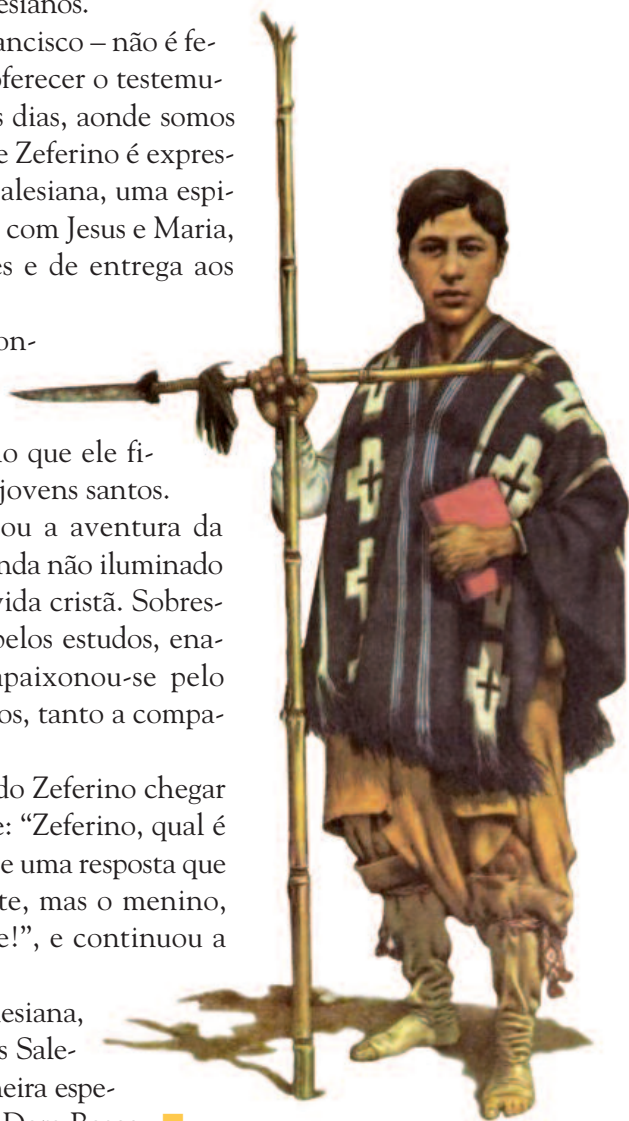
“A santidade – explicava o Papa Francisco – não é fechar os olhos, mas viver com amor e oferecer o testemunho cristão nas ocupações de todos os dias, aonde somos chamados a ser santos”. A santidade de Zeferino é expressão e fruto da espiritualidade juvenil salesiana, uma espiritualidade feita de alegria, de amizade com Jesus e Maria, de cumprimento dos próprios deveres e de entrega aos outros.

Zeferino é a comprovação mais convincente da fidelidade com que os primeiros missionários enviados por Dom Bosco conseguiram repetir aquilo que ele fizera no Oratório de Valdocco: formar jovens santos.

Na escola de Dom Bosco, começou a aventura da graça, que transformaria um coração ainda não iluminado pela fé numa testemunha heroica de vida cristã. Sobressaiu imediatamente no seu interesse pelos estudos, enamorou-se das práticas de piedade, apaixonou-se pelo catecismo e tornou-se simpático a todos, tanto a companheiros como a superiores.

Certo dia, Francisco de Salvo, vendo Zeferino chegar a cavalo como um raio, gritou para ele: “Zeferino, qual é a coisa de que mais gostas?”. Esperava-se uma resposta que tivesse relação com a equitação, a arte, mas o menino, freando o cavalo disse: “Ser sacerdote!”, e continuou a correr.

Zeferino é uma santidade muito salesiana, germinada pelo exemplo proposto pelos Salesianos nas biografias dos santos, de maneira especial, na de Domingos Sávio, escrita por Dom Bosco. ■



Missionários Salesianos de Ontem e Hoje

Unidos no Amor pelos Xavantes, Irmanados no Martírio

P. Pierluigi Cameroni SDB - Postulador Geral para as Causas dos Santos

Em 1º de novembro de 1934, numa tentativa de aproximação da nova tribo dos Xavantes, no Brasil, eram massacrados os Salesianos missionários P. João Fuchs e P. Pedro Sacilotti. Num ano rico de alegria e satisfação – 1934 é o ano da canonização de Dom Bosco – foi uma notícia paralisante que trouxe imediatamente à memória o mês de fevereiro de 1930 quando, na China, foram trucidados Dom Luís Versiglia e o P. Calisto Caravario, hoje venerados como santos protomártires.

O P. João Fuchs, veterano das missões, nasceu em Pfaffnau, cantão de Lucerna, Suíça, em 8 de maio de 1880. Aos vinte anos, sentida a vocação à vida religiosa, fora para a Itália e, no Instituto Salesiano de Penango, preparara-se para seguir com decisão a voz do Senhor. Recebido o hábito religioso das mãos do Beato Miguel Rua, em 1906, partira para o Brasil, onde, feitos os estudos nas casas salesianas de Lorena (SP) e de Niterói (RJ), recebia a ordenação sacerdotal em 4 de fevereiro de 1912. Já sacerdote, continuou por quase dois anos a dar aulas de física e matemática no mesmo instituto, até que surpreendido por uma doença, precisou retornar à Europa para restabelecer-se na saúde. Graças a Deus recuperou a saúde e, retornando depois da guerra, ao Brasil, em 15 de agosto de 1920 chegava à “Colônia Sagrado Coração” (Mato Grosso) para dedicar-se totalmente à evangeli-

zação dos índios Bororos, com admirável abnegação e espírito de sacrifício. O território missionário confiado à Congregação Salesiana e elevado a Prelazia Nullius em 1914, com o título de Registro do Araguaia, estendia-se por uma superfície de 246.800 km² e contava com apenas 40 mil habitantes. Quando o P. Fuchs chegou à sua residência, muitas fibras de valerosos missionários já se tinham consumido não tanto pelo cuidado dos civilizados, dispersos pela vasta zona, quanto pela busca das tribos indígenas confinadas nas imensas florestas-virgens, com discreta correspondência dos Bororos. Todo esforço, contudo, era astutamente frustrado pela tribo dos Xavantes.

O P. Pedro Sacilotti nasceu em Lorena, São Paulo (Brasil), de pais italianos, em 11 de maio de 1889. Crescido e educado no instituto salesiano da sua cidade natal, respondera com descortino à voz do Senhor e, vestido o hábito religioso em Lavrinhas (SP), percorreu os estudos filosóficos com brilhante sucesso, tanto que os superiores pensaram em prepará-lo pela sua virtude e o amor ao estudo enviando-o à Itália para os estudos teológicos no Estudantado Internacional Dom Bosco de Turim – Crocetta. Recebeu do Card. Gamba a ordenação sacerdotal na Basílica de Maria Auxiliadora em 12 de julho de 1925. Retornando à pátria, adido à assistência e ao ensino nos

institutos da sua Inspetoria, em 1928 foi feito diretor do colégio de Registro do Araguaia. Mas não era a vida que sonhava. Sua alma ardente ansiava pelo apostolado missionário e só ficou feliz quando os superiores lhe deram a árdua missão dos Xavantes.

A terrível tribo que há séculos fazia falar de si no Brasil vivia em aldeias espalhadas numa faixa do Mato Grosso, que abrangia centenas de quilômetros quadrados entre os rios das Mortes e Kuluene, o maior afluente do rio Xingu. O seu habitat era a floresta virgem, sem caminhos, onde se move com segurança somente o índio que ali nasce. Desde 1932, P. Fuchs projetara um plano de penetração. Remonta àquele ano a primeira cruz, alta 5 metros, que ele plantou no rio das Mortes. O P. Sacilotti compartilhava os seus planos e o seu zelo apaixonado pela conversão dos Xavantes.

Em 1934, P. Fuchs ficou sozinho em Santa Teresinha e pensou em transferir-se a Mato Verde, quase no limite sul da Prelazia, onde no início de setembro foi alcançado novamente pelo P. Sacilotti, que vinha de Araguaia trazendo remédios, víveres e pessoal. Em pouco mais de um mês de trabalho febril podiam ter a satisfação de ver pronta uma residência tanto para os Salesianos como para as Filhas de Maria Auxiliadora. Vindo a saber, porém, que no rio das Mortes havia um grande número de jangadas, sinal evidente da presença dos Xavantes, apressaram-se a subir até Santa Teresinha, onde chegaram em 24 de outubro. De lá, o P. Fuchs escreveu a sua última carta. Nela dizia: “Vai-se aproximando a hora dos Xavantes e também a nossa hora...”. O pressentimento correspondia exatamente à realidade. Como os Xavantes escondiam-se e fugiam, era preciso ir em busca deles; então, poucos dias depois os missionários partiram novamente de Santa Teresinha.

Foi a última viagem. Já estavam há algumas horas além de São Domingos e desciam o rio, quando avistaram dois xavantes na margem direita. O P. Sacilotti e um bororo que o



acompanhava, tendo desligado o motor para irem lentamente pela corrente, saltaram sobre uma pequena barca que levavam a reboque para chegar à margem, que era bem alta e íngreme. Lá em cima, o P. Sacilotti não viu ninguém; subindo numa árvore, entreviu na densa floresta cerca de cinquenta xavantes. Chamou o P. Fuchs que veio, falaram aos índios em língua carajá, mas estes responderam de longe com tom ameaçador; depois, enquanto os companheiros dos missionários voltaram à barca para buscar alguns presentes, ressoou improvisamente um grito de guerra, ao qual seguiu um assalto fulminante dos xavantes. Ninguém pôde testemunhar pessoalmente o que aconteceu em poucos minutos. Os dois missionários, tendo ficado sozinhos, foram mortos com as tremendas bordunas dos xavantes, que os deixaram um ao lado do outro com a cabeça rachada.

Aquele lugar é agora denominado nos mapas do Brasil como “Barranco dos Mártires”: os dois Salesianos tinham percorrido juntos várias vezes o rio das Mortes em busca dos xavantes; juntos ansiaram, sofreram e rezaram pela sua conversão; juntos enfrentaram a morte pela redenção deles: “quos eadem passio fecit esse germanos” (o mesmo martírio fê-los irmãos). ■

Meu Nome é Yankuam'

P. Juan Bottasso SDB

Os Shuar e os Achuar conheceram o P. Luis Bolla como Yankuam' (luz do entardecer), mas também seus irmãos salesianos costumavam chamá-lo assim.

Há muitas maneiras de aproximar-se dos povos de cultura diferente da própria. A do turista que deseja ver algo diferente e tirar algumas fotos com personagens "exóticos"; a do estudioso, que procura entender o porquê de certos comportamentos aparentemente raros, os vê e os analisa com interesse.

A de Yankuam' não foi certamente a do turista, também não a do simples pesquisador. A cultura achuar foi vivida por ele, certamente nos limites da sua identidade de sacerdote e religioso. Como se diz, o que ele pedia era que o aceitassem como hóspede, o que envolve uma renúncia notável à própria autonomia. Os achuar, quanto o hóspede está em sua casa, fazem-no trabalhar e exigem dele que adapte o seu ritmo ao deles. Deve derrubar árvores e carregar os troncos, limpar os caminhos, preparar o campo para a semeadura. O costume deles é levantar-se muito cedo – às três ou quatro horas da madrugada – e reunir-se ao redor da fogueira para tomar a wayús (uma espécie de chá) para, depois, vomitá-la limpando o estômago.

Durante as longas reuniões matutinas eles falam de seus mitos e de suas guerras. Yankuam' agradecia que lhe permitissem participar, a fim de poder conhecer melhor os detalhes da cultura, melhorar o uso da língua e aproveitar algumas pausas para proclamar a Palavra de Deus. Ao longo de suas Memórias são incontáveis os casos nos quais afirma que o escutaram com prazer.

Aos poucos, foi percebendo que esse anúncio ia penetrando e começou a lançar dúvidas sobre a busca de vingar as mortes.

Custou-lhe muitíssimo fazê-los entender por



que pedira para viver entre eles. Por muito tempo, suspeitaram que devia ter alguma finalidade oculta; os poucos contatos que tiveram com os brancos tinham-nos convencido de que estes sempre acabavam enganando-os, para explorá-los. Intrigava-os espe-

cialmente que vivesse ali sem uma mulher e perguntavam-lhe onde deixara a sua ou se queria conseguir uma do lugar.

Afinal, porém, acabaram se convencendo que não podia ter fingido por décadas, e viram que aquilo que dizia era verdade. Estava ali somente por que os amava e procurava fazê-los compreender que Deus os amava ainda muito mais do que ele e desejava que deixassem de se matar e vivessem em paz. É comovedora a sua exclamação: "*Finalmente entenderam que eu vim para ficar*" (Memórias, 334).

Evidentemente, o entusiasmo não é suficiente para suprimir as dificuldades e, muito menos, para esclarecer o rumo a seguir. Yankuam' descreve claramente o que experimentou depois de ter podido ir até os Achuar: "*Senti que dei um salto, caindo num oceano sem clareza sobre como agir*". Mas, de maneira muito clara, ficou-lhe evidente o que esse passo envolvia: "*Devia morrer a muito do que era meu, sem perder a minha identidade e colocar-me a serviço deles em tudo que fosse possível, vivendo no seu mesmo nível, sem acreditar que fosse superior a eles, mas igual*" (Memórias, 25). ■



Entre os Povos Indígenas Descubro cada vez mais o Chamado que Deus me Fez

Cl. José Phan Anh Tuan - Vietnamita, missionário na Amazônia, Venezuela

A minha vocação à vida religiosa missionária "ad gentes" lembra muito a de Samuel. Aconselhado por Eli, o menino Samuel reconheceu o chamado de Deus: 'Fala, Senhor, que o teu servo escuta' (1Sm 3,9).

Desde criança, senti um chamado particular: não sabia de onde vinha. Nem para quê. Durante os anos de aspirantado, pré-noviciado, noviciado e pós-noviciado, tive muitas oportunidades de ouvir notícias sobre a vida missionária, através de salesianos missionários. E perguntava-me: poderia eu ser também um salesiano missionário? No noviciado, falei do meu desejo de ser missionário ao Mestre de Noviços. O mesmo fiz depois, durante os três anos de Filosofia, com o Diretor, tratando desse desejo de ser missionário «ad gentes». Ele não deixou de me guiar e acompanhar nesse meu discernimento.

Em 2012, o Reitor-Mor me destinou à Venezuela. Depois de seis meses de estudo do espanhol, enviou-me à Amazônia e ali trabalhei por dois anos como tirocinante. Minha vida entre as populações indígenas ficou marcada por muitas e sucessivas surpresas: diferença de alimentação, língua, o dia a dia... Houve, numa palavra, aquela que chamam de... diferença cultural: e viver juntos numa nova cultura, causou-me nos primeiros meses um verdadeiro 'choque cultural'. Aconteceram-me coisas que jamais teria imaginado (embora já antes de ir para a Amazônia me houvessem alertado para não me espantar



com a mudança)... : acabei 'estressado'. Tudo ficou difícil. Sobre tudo o falar, o comunicar-me na nova língua...

Com a ajuda dia após dia dos coirmãos salesianos, com sua vizinhança e com o bom acolhi-

mento recebido das pessoas na Amazônia, esforcei-me por enfrentar o problema. Voltei sobretudo ao meu diário, escrito durante o curso para os novos missionários, em Roma, em setembro de 2011. Refleti e partilhei as minhas experiências e considerações. Isso me ajudou a manter a calma também nos momentos difíceis.

Pouco a pouco pude enfrentar com tranquilidade igualmente o tal do choque, e reconhecer com clareza quão grande, infinita graça, Deus me dera a mim: Ele está sempre comigo em todas as situações e circunstâncias. Estou convencido de que a vida de oração e a união com Deus são realmente importantes: são a fonte das motivações que nos ajudam a superar as horas difíceis da vida.

Me sinto feliz e satisfeito como missionário na Amazônia entre os indígenas Piarora e Jivi. «O missionário salesiano assume os valores desses povos e compartilha seus anseios e esperanças» (C. 30). Reconheço que sua cultura é rica e impressionante. Já vão fazendo parte da minha vida missionária. Enquanto caminho com eles, reconheço cada vez mais quão grande é o chamado que Deus me fez. ■

Feliz de ser missionário na terra dos sonhos de Dom Bosco!

P. Natalino Venancio Freitas de Jesus SDB - Timorense, missionário na Argentina

O testemunho dos missionários Salesianos de Timor-Leste foram as raízes da minha vocação missionária. Pensei muito na vida missionária e, depois de um tempo de discernimento e diálogo com o Inspetor, manifestei meu desejo de ser missionário mediante uma carta enviada ao Reitor-Mor, e fui destinado à Argentina. Em setembro de 2008 recebi o crucifixo missionário em Turim e, um mês depois, cheguei à Argentina, na Patagônia. Ali aprendi a língua, a cultura e fiz as primeiras experiências entre os jovens da paróquia. Foi uma experiência muito bonita de fraternidade e de vida apostólica, sobretudo com os indígenas da Patagônia, Plateau Gangan, Trelew.

Hoje, estou na missão salesiana do Oeste Pampeano. Durante a semana, trabalho pela manhã no Instituto São João Bosco, que conta com 640 alunos, de todos os níveis (elementar, primário e secundário). Muitos deles em situação de vulnerabilidade devido à realidade socioeconômica e às complexas realidades familiares existentes na população. Depois, na parte da tarde trabalho no centro com os meninos e meninas em situação de vulnerabilidade e indefesos (Inaun Don Bosco). Damos-lhes apoio escolar, ensinamos trabalhos manuais, damos as boas-tardes e a merenda. Estas realidades convidam-me a refletir novamente sobre a condi-

ção juvenil, sobretudo a sua situação de abandono. Sinto-me chamado a oferecer a ternura e a misericórdia de Deus Pai àqueles que vivem em situação de abandono.

Na missão do Oeste Pampeano trabalho com outros irmãos e as Filhas de Maria Auxiliadora, em realidades diversas, conforme as populações. Os ambientes populares e rurais são os que atendemos como prioridade nesta presença salesiana. Os fins de semana, com os SDB e as FMA, partimos para o Oeste da província a fim de compartilhar momentos de celebração, encontros catequéticos, visitas às comunidades rurais, visitas domiciliares, encontros sistemáticos com adolescentes aos sábados de noite, presença na rádio. O que faço com os SDB e as FMA é participar com o povo nas comunidades rurais, fazer visitas domiciliares e compartilhar a Palavra de Deus nas pequenas comunidades.

O trabalho com os povos autóctones, especialmente os mapuches, continua a ser uma opção fundamental da nossa Inspetoria ARS. Os irmãos salesianos na Patagônia continuam a trabalhar com os mapuches. Este trabalho missionário consiste no anúncio da Boa-Nova, na denúncia do que ofende a dignidade dos povos mapuches e a terra, na defesa do território, na proximidade das populações, no respeito e valorização da cultura e na autodeterminação dos povos, em ir em busca, junto com as comunidades, de possibilidades e alternativas para uma vida digna.

A Patagônia, zona onde estou a trabalhar, continua a ser terra de missão. Há muito da vida do povo e dos jovens que precisa de acompanhamento.

Sou feliz por ser missionário na terra dos sonhos do nosso pai Dom Bosco. ■



Promover o Primeiro Anúncio

O Motivo Principal pelo qual os Salesianos permanecem com os Povos Indígenas

Este subsídio levou-nos a ver e valorizar o trabalho dos Salesianos em favor dos povos indígenas ao longo da nossa breve história salesiana.

É um trabalho que continua hoje, com diversas expressões em contextos multiformes. O que vimos são apenas exemplos de variadas iniciativas em diversos contextos: proteção e promoção das culturas indígenas, conscientização da sua dignidade, defesa dos direitos dos povos indígenas, projetos de alfabetização, iniciativas sociais, iniciativas para a emancipação das mulheres, clínicas e hospitais, formação profissional dos jovens, escolas, cooperativas, etc.

Não se esqueça, contudo, e nunca, que todas essas iniciativas são uma rica e necessária preparação para promover o Primeiro Anúncio de Cristo entre os povos indígenas. Todas estas iniciativas terão um sentido missionário na medida em que suscitarem um interesse que leve ao encontro pessoal com Cristo. Esta harmonia entre testemunho e palavra, promoção humana e evangelização já está clara na *Evangelii Nuntiandi*:

“Não há uma verdadeira evangelização se o nome, o ensinamento, a vida, as promessas, o Reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, não forem proclamados” (Beato Paulo VI, *Evangelii Nuntiandi*, 22).

Contudo, o Primeiro Anúncio não é meta em si, mas o início intencionalmente orientado à conversão, ao catecumenato, ao batismo, à catequese, à comunhão eclesial e todo o processo de evangelização.

Este Dia Missionário Salesiano tem algumas consequências práticas para os Salesianos, para todas as Comunidades Educativo-Pastorais e para toda a Família Salesiana:

- É uma oportunidade para **todos conhecerem e valorizarem as riquezas humanas e culturais** que Deus semeou nos povos, riquezas que correm o risco de ser canceladas por uma globalização invasiva.
- É um **convite** a toda a **Sociedade Salesiana** a **renovar o compromisso** pelas **minorias étnicas** como uma resposta concreta ao convite do Papa Francisco a proclamar o Evangelho “*em todas as periferias que precisam da luz do Evangelho*” (EG 20).
- É um **encorajamento** e **apelo** a todos os que **já trabalham pelos povos indígenas** a pôr o **Primeiro Anúncio** e a **Evangelização** como a intenção primária em todas as iniciativas e projetos.
- É um **apelo** aos **jovens Salesianos** a discernirem se o Senhor os chama como **missionários ad gentes e ad vitam** pelos povos indígenas.
- É um **desafio** a todos os **jovens** e **grupos juvenis** em todas as presenças salesianas a se oferecerem **pelo voluntariado missionário** a lançar iniciativas para **recolher fundos** para o **projeto DMS 2017**.
- É uma **proposta** a toda a **Família Salesiana** a promover a coordenação das iniciativas para dar um maior impulso à evangelização **das minorias étnicas**. ■



Subsídios Didáticos

P. Martín Lasarte SDB

Pôster – Formato A2 – 6 Línguas

Opúsculo didático – 48 páginas

Santinho com uma oração - 6 Línguas

Vídeo – <http://www.missionidonbosco.tv>



Conheçamos um pouco mais sobre os povos indígenas no vídeo do DMS 2017

Mapuches

Os **mapuches** (de mapudungun *mapu*, ‘terra’, e *che*, ‘pessoa’; ou seja, *gente da terra*, *nativo*) ou **araucanos**, são um grupo étnico ameríndio que habita principalmente ao sul do Chile e minoritariamente na Argentina. À chegada dos conquistadores espanhóis no século XVI, eles habitavam entre o vale de Aconcágua e o centro da ilha de Chiloé, no atual território chileno. Entre os séculos XVII e XIX expandiram-se do Chile ao leste da Cordilheira dos Andes, invadindo os tehuelches e outros povos dos Pampas. No final do século XIX, os estados argentino e chileno ocuparam efetivamente os territórios habitados pelos diversos grupos mapuches, através de ações militares chamadas respectivamente de «Conquista do Deserto» e «Pacificação da Araucânia». No Chile, cerca de 700.000 pessoas declaram-se mapuches, sendo 4% da população total, representando 87,3% do total da população indígena. Na Argentina, os mapuches formam o povo indígena mais numeroso, com aproximadamente 210.000 pessoas.



Os indígenas de língua mapuche reúnem-se em **diversos grupos** segundo o território que ocupavam e algumas diversidades culturais daí derivadas: picunches, promaucaes, mapochoes, maules, cauquenes, moluches, huilliches, pehuenches, pehuén, lafquenches.

Sua **cultura** baseia-se na tradição oral. Sua organização e estrutura social era baseada principalmente na família e a relação entre elas; a família era formada pelo pai, sua/s mulher/res e seus filhos. Os grupos de famílias relacionados ao redor de um antepassado comum se denominavam de *lof*.

A **religião mapuche** baseia-se em termos gerais na ligação do mundo espiritual com o mundo tangível. Seus principais aspectos são o respeito pelo mundo espiritual; o culto aos espíritos e aos antepassados míticos; o culto aos espíritos da natureza; e a inter-relação do povo mapuche com a “Mãe terra”.

Mixes ou Ayuukjä’äy

Os mixes o Ayuukjä’äy (de A palavra, *yuk* florido e *yä’äy* gente, ou seja, *gente do idioma florido*) vivem no centro-noroeste do estado, principalmente na região Sierra Norte do México. A região montanhosa é conhecida como “Sierra Mixe”. Os que falam mixe em Oaxaca são estimados em pouco mais de 110.000 pessoas. Durante a conquista do México, os mixes,

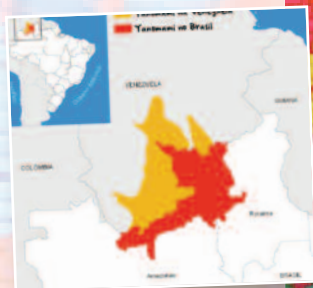
pela sua localização na montanha, nunca puderam ser conquistados militarmente. O contato com os espanhóis será através da evangelização. Seu território consta de três regiões bem diversas: a alta, com elevações acima dos 1.500 metros de altitude, nas proximidades de Zempoaltepetl; a região média, com elevações que vão dos 800 aos 1.500 metros de altitude, com clima temperado; e a região baixa, com elevações inferiores a 800 metros e clima quente e chuvoso.

O Instituto Linguístico de Verano identificou 6 variantes dialetais do **idioma mixe**. Os mixes vivem principalmente da **agricultura de subsistência**, como a plantação de milho, feijão, abóbora e batata, complementado com a caça e a pesca nos pequenos rios e arroios. São conhecidos em Oaxaca pelas suas bandas musicais – cada povoado mixe tem uma banda que toca em suas festas locais. Em algumas cidades ainda se faz o tecido tradicional em teares de cintura, e também produzem cerâmicas.



Povo Ianomâmi

Os **ianomâmis** ou **yanomami** são uma etnia indígena dividida em três grandes grupos com línguas semelhantes: sanum á, yanomam e yanam. Os missionários Salesianos deram-lhes o nome de **ianomâmi**, que significa “ser humano”. Habitam principalmente o estado do Amazonas (Venezuela) além de os estados brasileiros do Amazonas e Roraima ocupando uma zona de 192.000 km² de floresta tropical úmida. Estima-se que os ianomâmis sejam cerca de 32.000.



Vivem em pequenas aldeias, em grupos familiares de 40 a 50 pessoas, construídas em círculo, completamente abertas (*shabono*). As famílias compartilham entre si os produtos obtidos na caça, pesca ou colheita. Quando se reúnem ao redor da fogueira, que fica no centro do *shabono*, comem, conversam, fabricam seus utensílios, contam suas histórias, mitos, lendas e ensinam suas tradições às crianças.

A **vida social** é organizada segundo os princípios tribais tradicionais: relações de parentesco, descendência dos antepassados, intercâmbios matrimoniais entre familiares ou grupos com parentesco comum e a autoridade transitória dos chefes.

Embora haja leis e reservas que defendem o povo ianomâmi, são contínuas as **ameaças** de “garimpeiros” e outras pessoas não pertencentes à etnia, interessados na exploração dos recursos naturais das reservas. Em 2004, os ianomâmis brasileiros fundaram a associação *Hutukara* (palavra que significa “a parte do céu da qual nasceu a terra”) para defender seus direitos. Em 2011, também os ianomâmis venezuelanos criaram sua própria associação, a *Horonami*.

Perguntas para refletir sobre o vídeo:

1. O que conheces dos povos indígenas da América Latina?
2. Que valores esses povos nos ensinam?
3. Quais são as principais ameaças a esses povos?
4. Como se podem unir estas culturas centenárias com o anúncio de Jesus Cristo?



O Projeto de JMS

Centro de Formação Técnico-Intercultural Salesiano Yankuam Jintia (Floresta Amazônica da Região de Loreto – Peru)

Paulo é da tribo Kandozi e vive na selva amazônica do Peru, região de Loreto. Ele tinha muita dificuldade para inserir-se na sociedade que o rodeia, pois em sua aldeia não há uma verdadeira e própria escola que o prepare para o trabalho. Ele sabe que se não estudar nunca conseguirá um bom emprego. O jovem Kandozi tinha muita desconfiança e dificuldade para integrar-se com os achuar, os quéchuas e os mestiços que viviam próximos à sua comunidade.

Os Salesianos deram início a uma escola profissional em Kandozi “San Fernando”, com a finalidade de ajudar meninos como ele. Paulo hoje está na escola básica, aprendendo marcenaria e criação de animais. No internato, ele aprende a valorizar as culturas locais e inter-relacionar-se criticamente com os modelos de cultura globalizada. Nosso jovem está feliz por formar-se e sente-se mais seguro entre os jovens das diversas tribos, compartilhando e convivendo serenamente com eles. Paulo vê o futuro com otimismo, preparando-se para uma profissão digna e pronto para inserir-se construtivamente numa sociedade multiétnica.

Você pode ajudar o Paulo e outros 130 adolescentes indígenas da Amazônia da América. Você pode ajudá-los a aprender uma profissão. Você pode dar-lhes o gosto de viver em harmonia e ser pessoas diferentes.

Envie a sua ajuda à sede inspetorial do seu País ou Economato geral ou a:

TITULAR: CONGREGACION SALESIANA DEL PERU

Nº CTA: 0011-0167-0200106066

DIRECCION DEL BANCO:

BBVA BANCO CONTINENTAL

AV. REPÚBLICA DE PANAMÁ Nº 3055

SAN ISIDRO - LIMA - PERU

CODIGO SWIFT: BCONPEPL

Coplas del Yaraví

<https://www.youtube.com/watch?v=gE8Gfr1k2A4>

Señor que nuestra vida sea
como una quena simple y recta,
/para que Tú puedas llenarla;
llenarla con tu música./ (bis)

Señor que nuestra vida sea
arcilla blanda entre tus manos,
/para que tu puedas formarla,
formarla a tu manera./ (bis)

Señor, que nuestra vida sea
semilla suelta por el aire,
/para que Tú puedas sembrarla,
sembrarla donde quieras./ (bis)

Señor que nuestra vida sea
leñita humilde y siempre seca,
/para que Tú puedas quemarla,
quemarla para el pobre./ (bis)





Oração

Ó Pai Criador, nós te louvamos,
pelas tuas sementes de santidade e de beleza,
semeadas nos povos americanos.

Concede-nos contemplar, apreciar e defender
a tua sabedoria nas culturas indígenas.

Ajuda-nos a anunciar com a luz do Espírito
as insondáveis riquezas do teu Filho, Jesus Cristo,
que transfigura e dá plenitude a toda cultura.

Senhor Jesus, nós te louvamos e agradecemos
porque te fizeste um de nós,
compartilhando realmente a nossa vida,
amando-nos até o fim

para que tenhamos a Vida plena.
Ajuda-nos a acolher e dar a vida
por todos os nossos irmãos.

Envia-nos o teu Espírito santificador,
suscita neste continente missionário
testemunhas do teu amor e da tua ressurreição,
anunciadores da tua fraternidade e verdade,
profetas da tua justiça e unidade.
Senhor, que és Uno na diversidade
com o Pai e o Espírito Santo,
ajuda nossos povos a viver
no respeito à diversidade,
unidos na mesma caridade. *Amém*



Setor das Missões - Direzione Generale Opere Don Bosco
Via della Pisana, 1111 - 00163 Roma
Tel. (+39) 06 656.121 - Fax (+39) 06 656.12.556
e-mail: cagliero11@gmail.com

Redacção: Equipe do Setor das Missões

Pôster : Cl. Peter Duoc Le SDB – Fotos: P. Robert Garcia SDB, P. Juan Francisco Aparicio SDB, Missioni Don Bosco

Tradução: P. José Antenor Velho SDB, P. Hilario Passero SDB

Gráficos e Impressão: Tipolitografia Istituto Salesiano Pio XI - Tel. 06 7827819 / 06 7848123 • tipolito@donbosco.it